

*Universidade Federal de Juiz de Fora*

*Instituto de Ciências Humanas e de Letras*

*Departamento de Letras*

*Programa de Mestrado em Letras (Linguística)*

**A CONSTRUÇÃO DE DURAÇÃO COM DAR NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL – UMA ABORDAGEM  
SOCIOCOGNITIVA**

*Dissertação de Mestrado*

Maria Angélica Gonçalves

JUIZ DE FORA - MG  
2005

***A CONSTRUÇÃO DE DURAÇÃO COM DAR NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL – UMA ABORDAGEM  
SOCIOCOGNITIVA***

Maria Angélica Gonçalves

**MESTRADO EM LINGÜÍSTICA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
2005

Maria Angélica Gonçalves

***A CONSTRUÇÃO DE DURAÇÃO COM DAR NO  
PORTUGUÊS DO BRASIL – UMA ABORDAGEM  
SOCIOCOGNITIVA***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística, do Curso de Mestrado em Letras, Instituto de Ciências Humanas e de Letras, UFJF, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Margarida Martins Salomão.

**Juiz de Fora / 2005**

**Exame de dissertação**

GONÇALVES, Maria Angélica.

Dissertação de Mestrado em Letras (área de concentração: Linguística)  
apresentada à UFJF, 2º semestre de 2005.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Margarida Martins Salomão (orientadora/UFJF)

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Neusa Salim Miranda (UFJF)

Prof. Dr. Mário Eduardo Martelotta (UFRJ)

Examinada a dissertação  
em 14 de dezembro de 2005, Juiz de Fora, MG.

## *Agradecimentos*

A Jesus, o Amigo Incondicional, por estar sempre a meu lado, inspirando-me qual melhor caminho a seguir. Por não ter me deixado desistir, apesar das dificuldades, e, sobretudo, por ter permitido encontrar e conviver com pessoas que me ajudaram a trilhar a caminhada a fim de buscar meus objetivos e, ainda, planejar alçar vôos maiores.

A todos os colegas de sala que continuamente dividíamos as dificuldades e soluções. Em especial à companheira Roberta, por compartilharmos juntas momentos de ansiedade, mas, também, de alegrias.

Aos professores do mestrado, que demonstraram exemplos dignos de serem seguidos. Aos Professores Doutores Neusa Salim e Mário Martelotta por terem aceitado o convite de participar da banca de examinação.

À minha competente Orientadora Dr<sup>a</sup>. Maria Margarida Martins Salomão por ter me conduzido de forma tão brilhante na pesquisa desse estudo. Por sua sabedoria, serenidade, dedicação e por ser uma pessoa que inspira confiança. Características que permitiram maximizar as tarefas para atingir os objetivos planejados.

A meus pais, Geraldo e Célia, a meu irmão Eduardo pelo incentivo e exemplos de força de vontade. À minha linda sobrinha, Eduarda, que sempre me trouxe alegria e afeto. E, finalmente, ao meu noivo, Rogério, por todos esses anos juntos, por me encorajar nos momentos difíceis e me apoiar, com amor e carinho, nas etapas da minha vida.

## **Resumo**

O presente estudo aborda as construções nominalizadas que se apresentam sob a forma *dar uma X+da(SP)* cuja ocorrência é bastante comum na conversação espontânea do Português do Brasil. As frases a seguir ilustram a forma estudada: *Ela deu uma andada pelo shopping / Ele deu uma arrumada na gaveta / Ela deu uma conversada com a amiga*. A teoria da Linguística Sociocognitiva nos forneceu o suporte necessário para apresentar os elos de sua relação motivacional na rede de construções em que se inscreve. Propomos, portanto, que a construção nominalizada, alvo de nosso estudo, seja *motivada*, por sua inserção na grande rede das construções com o verbo *dar* realizada por meio de conexões intermediárias pela construção básica de Transferência de Posse. O fenômeno estudado caracteriza-se por uma específica construção que se especializou *na expressão de uma nuance de significação aspectual*, isto é, uma sentença dita pelo falante para expressar eventos que possam denotar *duração* (diminutizada).

## ***Abstract***

This dissertation approaches nominalized constructions that have the following form *dar uma X-da(SP)* which commonly occurs is very common in spontaneous speech in the Portuguese language of Brazil. This form is illustrated by the following phrases: *Ela deu uma andada pelo shopping / Ele deu uma arrumada na gaveta / Ela deu uma conversada com a amiga*. The theory of sociocognitive linguistics provided the necessary background to analyze the links of their motivational relation taking into account the network of constructions in which this form is inserted. This study suggests that the nominalized construction, which is the aim of this thesis, is motivated by its insertion into the great network of constructions with the verb *dar* and it is realized by means of intermediary connections that are provided by the basic construction of the *Transfer Possession*. The subject is characterized by a specific construction that turned into an expression of a nuance of aspectual signification, this it, a sentence that is uttered by the speaker in order to express duration.

## *Sumário*

### *1 – Introdução*

### *2 - A hipótese sociocognitiva: a questão do sentido e a questão da gramática*

*2.1 - A questão do sentido nas abordagens clássicas*

*2.1.2 – A abordagem sociocognitiva*

*2.1.2.1 - A escassez do significante*

*2.1.2.2 - A organização do conhecimento*

*2.1.2.3 - O princípio sociocognitivo de projeção*

*2.2 - A gramática como projeção simbólica*

*2.2.1 - A gramática das construções*

*2.2.2 – A hipótese sobre a arquitetura paralela*

*2.2.3 – O processo histórico da gramaticalização*

### *3- As construções com verbo dar no Português do Brasil*

*3.1 - Preliminares*

*3.2 - Uma análise cognitivista*

*3.2.1 – A construção central e seus esquemas conceptuais superpostos*

*3.2.2 – As subredes motivadas*

*3.2.2.1 – A subrede CAUSAÇÃO*



3.2.2.2 – *A subrede MOVIMENTO*

3.2.2.3 – *O subsistema TRANSFERÊNCIA (METAFÓRICA) DE RECURSO*

3.2.2.4 – *O subsistema AÇÃO*

3.2.2.4.1 - *Um desenvolvimento especial*

3.3 – *Elementos de uma análise gerativista*

#### ***4 – Mesclagem, idiomaticidade e gramaticalização: uma outra proposta explicativa***

4.1 – *Quadro hipotético*

4.2 – *Análise morfossintática*

4.3 – *Análise semântica*

4.3.1 – *Avaliação panorâmica*

4.3.2 – *A ontologia do Evento como Propriedade*

4.3.3 – *A acepção aspectual de Duração Diminutiva*

4.4 – *A Construção de Duração Diminutiva*

#### ***5 – Conclusão***

## *1 – Introdução*

O presente estudo analisa formações do Português do Brasil expressas pela seqüência *dar uma X+da (SP)*, que se manifesta com regularidade semântica em condições altamente produtivas. Trata-se de enunciações do tipo:

- (1) (a) *dar uma caminhada*                      (ações do sujeito sobre si mesmo)  
           *uma dormida*  
           *uma espirrada*  
           *uma espiadinha*
- (b) *dar uma martelada na parede*            (ações/experiências do  
                   *uma empurradinha no poste*            sujeito sobre o mundo)  
                   *uma melhorada no visual*  
                   *uma pensada no problema*  
                   *uma conversada com o pessoal*
- (c) *dar uma chovidinha*                      (fenômenos do mundo)  
                   *uma ventada*  
                   *uma esfriada*

Tais enunciações expressam, como se verá, uma acepção aspectual de Duração – que impede a ocorrência, na posição da Nominalização com *+da*, de predicacões originariamente estativas ou télicas. Além do mais, o Evento, introduzido como Objeto de predicacão com *dar*, é concebido como tendo uma manifestação atenuada – seja pelo abreviamento da Duração, seja pela sua singularização (quando se trata de Eventos

inerentemente seriais). Daí a freqüente co-ocorrência da Nominalização com o sufixo diminutivo.

Ao tempo em que estudamos esta *idiomatização* tanto do ponto de vista de sua expressão morfossintática como de sua contribuição semântica, procuramos fazê-lo *sob a ótica do sociocognitivismo*, tentando desvendar a motivação conceptual que engendra este significante particular. Acabamos por postular uma complexa *mesclagem de múltiplo escopo*, através da qual obtém-se a migração de Esquemas Genéricos pertinentes ao Cenário originário de Transferência de Posse (Causa e Movimento) que se comprimem com a Cena Conceptual evocada pela Predicação principal.

Para chegar a esta análise recenseamos a literatura cognitivista – especialmente FAUCONNIER, FAUCONNIER & TURNER, e GOLDBERG, cujos conceitos básicos são visitados no segundo capítulo. A este quadro teórico, acrescentamos a importante contribuição de JACKENDOFF, cujo modelo de arquitetura paralela tem evidentes convergências com a análise construcional. Ainda neste capítulo tratamos brevemente dos estudos funcionalistas e tipológicos sobre o fenômeno de gramaticalização – já que nossa Construção precisaria ser considerada também a esta luz.

No capítulo terceiro recenseamos as teses de doutorado de SALOMÃO 1990 e de SCHER 2004, que separadas no tempo e no espaço (inclusive no espaço ideológico), contribuem para a descrição e a explicação das Construções com *dar* no Português do Brasil. Embora nossa análise, apresentada no capítulo quarto, seja fortemente subsidiária destes esforços anteriores, é fato que se distinga destes e propõe uma nova abordagem dos mesmos fenômenos.

Acreditamos que esta dissertação é uma contribuição relevante por três razões principais:

- (a) primeiro, porque se dispõe a descrever a língua realmente falada no Brasil, em que pese a ausência de corpora sistematizados no escopo desta abordagem;
- (b) em segundo lugar, porque estuda e compara tratados anteriores sobre um fenômeno relativamente pouco descrito do Português do Brasil;
- (c) finalmente, porque a presente análise aduz evidência complementar à tese sobre a continuidade essencial entre léxico/morfologia e sintaxe. Neste sentido contribui materialmente para a consolidação e expansão do paradigma da análise construcional.

## ***2- A hipótese sociocognitiva: a questão do sentido e a questão da gramática***

### *2.1- A questão do sentido nas abordagens clássicas*

Se recorrermos a ilustres lingüistas como Ferdinand SAUSSURE e Noam CHOMSKY, perceberemos que perpassa suas teorias a hipótese da auto-suficiência do significante lingüístico. Em outras palavras, postula-se que os significados das palavras não estabelecem vínculo com o uso, são considerados como autônomos, e presume-se que estabeleçam relação de correspondência direta com algum universo discursivo – nos termos menos elaborados: com a “realidade”.

SAUSSURE elege como objeto de estudo a *langue* e a define como um sistema transcendente, exterior e independente do sujeito. O autor trata a língua como um sistema abstrato e um bem social: *Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala de todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade* (SAUSSURE, 2001:21). A *langue* como idealização prescinde do usuário, mesmo idealizado, já que constitui um produto “acumulado” socialmente.

Posterior à postulação de noção de *sistema* pelo lingüista suíço, CHOMSKY, líder dos gerativistas, defende a idéia de ser a linguagem uma capacidade inata programada biologicamente e específica da espécie humana. Inaugura-se, portanto, a idealização do *sujeito*, um falante/ouvinte ideal que está inserido em uma comunidade de fala homogênea. Para o

gerativismo, o falante exerce uma condição criativa regida por um conjunto finito de regras, capazes de gerar um conjunto infinito de sentenças.

Essa capacidade lingüística limita-se às regras internalizadas de um sujeito universal, apto a gerar seqüências sintáticas, constituídas de formantes morfo-lexicais, mas inteiramente indisponíveis a lidar com o uso da forma e seu sentido, imersos em um conjunto de pistas pragmáticas que lhe dão vida social/comunicativa.

A questão do sentido é, assim, ausente da agenda da “grande lingüística”, hegemônica no século XX. Na perspectiva saussureana, porque o que conta são as *relações* (sintagmáticas e paradigmáticas) *entre os signos* – e, portanto, não há espaço para o uso, nem para o usuário.

Na perspectiva chomskyana, não obstante a grande virada cognitiva (“mentalista”) posta pela hipótese inatista sobre a aquisição da linguagem, o que conta é a capacidade do sujeito *gerar seqüências simbólicas* – também autônomas do uso.

O desdobramento da hipótese gerativa e sua progressiva complexificação acabaram por contrabandear, de volta, a questão do sentido. Mas, para tratá-lo, era preciso que as “lingüísticas do significante” (MARCUSCHI e SALOMÃO 2004:13-26), a grande contribuição do século XX aos estudos de linguagem, se autotransformassem profundamente.

### 2.1.2 – A abordagem sociocognitiva

A mudança do objeto na agenda dos estudos da linguagem insere uma nova perspectiva em que o falante passa da exclusão à centralidade no processo de construção do significado. *A linguagem deixa de ser um sistema que independe do falante ou um conjunto de regras finitas e ganha uma dimensão social e cognitiva cuja função é possibilitar seus usuários meios para reportar o discurso alheio, influenciar as outras pessoas, narrar acontecimentos, fazer avaliações, ser impreciso, falsear informações, predizer o futuro, expressar sentimentos* (SALOMÃO, 1999:65).

A mudança na agenda investigativa trata o fenômeno da linguagem como uma *operação de conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significado como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo* (SALOMÃO, 1999:64).

A hipótese sociocognitiva apresenta a forma lingüística apenas como um guia, que aliada ao contexto de uso, possibilita aos participantes da cena comunicativa inferir significado, avaliar as informações salientes e desconsiderar as pistas irrelevantes.

Desse modo, o enfoque a ser dado aqui considera um sujeito cognitivo real que possui uma base de conhecimentos adquiridos em seu convívio social, conhecimentos estes que possibilitam ao falante, inserido num contexto de fala, eleger o significado lingüístico mais pertinente à situação.

### 2.1.2.1 - A *escassez do significante*

O processo de significação, tal como o prefiguramos, requer complexas operações mentais de projeção e transferência de informações entre diversas bases de conhecimento, tanto disponíveis na memória psicológica, como dependentes da memória social, e, especialmente, de situação em que a comunicação se verifique.

FAUCONNIER & TURNER (2002:17) comparam o significante à *ponta de um iceberg*. Assim, com essa analogia, reconhecem que o significante traz latentes amplas possibilidades interpretativas, a serem escolhidas de acordo com as pistas contextuais.

Para ilustrar a *escassez* da forma lingüística recorreremos ao processo de ***Modificação Adjetival***. Consideremos os seguintes sintagmas nominais “*homem forte*”, “*empresa forte*”, “*carro forte*”. No enunciado “*homem forte*”, proferido numa academia de musculação, o adjetivo *forte* pode dar a noção de porte físico musculoso; no entanto, se usado para referir um executivo de sucesso, pode significar acumulação de poder e autoridade no mencionado indivíduo. No enunciado “*empresa forte*”, utilizado para referir uma empresa cujos saldos e desempenho superam as expectativas, o adjetivo fará alusão ao vigor da condição econômica do empreendimento. Já o último Sintagma Nominal, “*carro forte*”, dito de uma transportadora de valores, refere o veículo com revestimento especial de reforço, que transporta dinheiro com segurança. Já se o mesmo sintagma anterior, for enunciado no contexto do discurso do automobilismo esportivo, possivelmente se fará referência à potência do motor do veículo.



É importante observar que os elementos operativos na escolha de interpretação apropriada incluem tanto o contexto lingüístico (ou seja, o Nome que o Adjetivo modificará) como o contexto discursivo de enunciação. Também não é verdade que o processo de construção de interpretação seja aleatório: é evidente que ele é *composicional*, pois em todos os casos, no plano físico, metafísico ou metonímico, o significado do sintagma inclui o conceito de FORÇA; mas, de todo modo, esta composição não é mecânica nem algorítmica: ele presume a integração conceptual de idéia de FORÇA com os esquemas cognitivos que tenham sido evocados *pelo Nome e pelo contexto discursivo!*

Tudo isso nos leva a concluir que os significados não são entidades mentais pré-existentes, que residem em uma área específica da mente; defini-los envolve operações de ligação, conexão e integração de domínios conceptuais diferentes. Ao sinal lingüístico cabe acessar parte das bases de conhecimento necessárias para produção e interpretação do significado.

Isso porque linguagem e contexto não podem ser entendidos como polaridades estanques. O sentido será construído no fluxo interativo, pois um enunciado é dito por alguém, num determinado lugar, num determinado tempo com um determinado propósito. SALOMÃO (1999:20/21) define contexto como *modo de ação construída socialmente sustentada, interativamente e temporalmente delimitada*. Com essa visão de contexto, excluimos a noção de que os significados devam ser tratados como unidades fixas, independentes do propósito comunicativo do falante.

### 2.1.2.2- A organização do conhecimento

Em finais da década de 70, FILLMORE (1977) introduz na lingüística a noção de *frame*, definível como enquadre essencial à construção do significado, uma vez que corresponde aos esquemas conceptuais que o sujeito focaliza através de um processo de fatiamento conceptual. Para SALOMÃO (1999:45) enquadrar é adotar uma perspectiva sobre determinado domínio cognitivo. O processo de interpretação implica colocar em relevo partes da informação destacadas em relação às outras partes que a compõem. Assim procedemos porque toda cognição lingüística é sempre comunicativamente posicionada. Nunca falamos o que o mundo é. Sempre expressamos nossa “visão de mundo”, que é socialmente delimitada e implica a escolha de um ponto de vista.

De acordo com TOMASELLO (2003:210), os signos lingüísticos e as construções lingüísticas têm o objetivo de assegurar a perspectiva que o falante elege como seu propósito comunicativo. Para isso, é necessário que ele mobilize o campo de atenção de seus interlocutores – elemento central de toda a chamada “condição de relevância”.

A noção de enquadramento, além de motivar escolhas lexicais (e.g. *X é mãe de Y* versus *Y é filha de X*), é componente constitutivo também de categorias gramaticais tais como o *Aspecto*. Nos termos de COMRIE 1977, tratado clássico do *Aspecto*, numa abordagem tipológica, o *Imperfectivo* distingue-se do *Perfectivo*, não nos termos de um conjunto de condições-de-verdade, mas sim em termos de diferença de perspectiva comunicativa. *Ele estudou piano o dia inteiro* diferencia-se de *Ele tava estudando piano (quando eu liguei)* em função de o primeiro enunciado evocar um evento

passado, concluído, perfeito, enquanto o segundo evoca a processualidade e a duração do (mesmo) evento passado.

A noção de *enquadramento*, que vimos considerando, tem como contrapartida cognitiva, a *base de conhecimento* sobre a qual se impõe uma determinada mobilização atencional. Estas *bases*, indiscutíveis estruturações da memória (sobre as quais há ainda muito que pesquisar) podem, não obstante, ser categorizadas para o propósito de nossa exposição.

A literatura em Lingüística Sociocognitiva reconhece, em geral, três tipos de domínios estáveis do conhecimento que são relevantes à expressão lingüística - *Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)*, *Molduras Comunicativas e Esquemas Genéricos*. Caracterizam-se por uma certa estabilidade, por possuírem informações organizadas que podem ser identificáveis e evocáveis, constituindo estruturas flexíveis que podem adequar-se à situação contextual (SALOMÃO, 1999:30).

*Modelos Cognitivos Idealizados* (LAKOFF, 1987:68/69) organizam nosso conhecimento cultural: assentam em nossa experiência social e cultural, que nos possibilita formar hábitos e comportamentos na vida diária. São MCIs que nos sugerem o comportamento adequado para cada situação; num velório, não levamos um presente para a pessoa que perdeu um ente querido; num aniversário, não podemos cumprimentar o aniversariante dizendo que lamentamos que ele tenha vivido mais um ano... Além de oferecer *scripts* para nossa sociabilidade, MCIs, na qualidade de *modelos culturais*, consignam nossas crenças, nosso senso-comum, nossa ideologia e, nesta condição, constituem a cartografia de nossas opções na sociedade.

Na medida em que são motivadas por MCI<sub>s</sub>, as categorias lingüísticas não se diferenciam das outras categorias do nosso sistema conceptual, e, por isso, exibem os efeitos de prototípiã e de organização de nível básico. Por esta razão, a categorização humana funciona com base no *esquema centro/periferia*, a partir de uma instância básica que modele relações de correspondência com os demais membros da mesma categoria.

Para ilustrar, LAKOFF utiliza-se do conceito de *mãe*, que apresenta um sentido central, mulher que dá à luz, fornecedora de metade da carga genética, responsável pelo cuidado e educação da criança, casada com o pai. Essas definições conjugadas definem de forma estável o que seja a mãe prototípica. Constituem um MCI básico, que possibilita a formação de sentidos derivados que se expressam nas instâncias variantes: *mãe solteira*, *mãe adotiva*, *mãe social*, *mãe de aluguel*, *mãe biológica*.

Um tipo especializado de MCI, proposto originariamente por GOFFMAN, e estudado com abundância de detalhes por TANNEN e SCHIFFRIN, entre outros, são as chamadas *molduras comunicativas* – conceito que desfruta de uma função analítica central na tese de Miranda 2000. Trata-se da configuração que organiza qualquer *encontro conversacional*: a definição dos papéis dos participantes, seu grau de simetria social, o cenário físico de sua distribuição no evento, sua agenda comunicativa. Alguns encontros terão uma estrutura rígida, que não permite muita variação nem dos papéis, nem de agenda previamente estabelecida. Num debate político, por exemplo, temos uma estrutura definida em que o mediador opera segundo regras previamente negociadas como o tempo de cada intervenção, quem fará as perguntas, quais assuntos são considerados ofensivos. Normas como essas são seguidas estritamente pelos candidatos para o sucesso comunicativo do evento.

Já os *Esquemas Genéricos*, de acordo com SALOMÃO (1999:30), são configurações muito abstratas, que desempenham papel na aquisição de linguagem, ou de outros tipos de conhecimento (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1999: 26-30), e além disso servem ao processamento de fluxos muito heterogêneos de informação. Segundo a hipótese sociocognitiva, essencialmente como desenvolvida por FAUCONNIER & TURNER (2002: 365-369), as categorias lingüísticas (lexicais ou gramaticais) contribuem ao processamento de interpretação com informação deste tipo.

Por último, merecem menção os domínios cognitivos locais, denominados *Espaços Mentais (EM<sub>S</sub>)*, estruturas da memória de trabalho que permitem operar o fluxo discursivo. São abastecidos, na sua configuração interna, pelos domínios estáveis e são ligados uns aos outros por conectores – marcas lingüísticas e contextuais. Operam, principalmente, o desdobramento das configurações referenciais no discurso, mas também servem à distribuição do foco e da perspectiva discursiva; em outras palavras, promovem o fatiamento conceptual que é constitutivo do discurso lingüístico, em sua realização linear e desenvolvida cronologicamente.

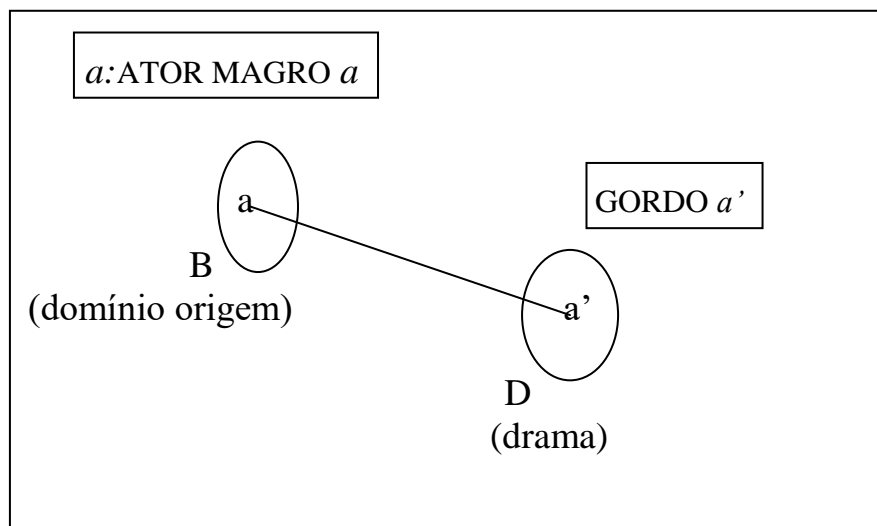
FAUCONNIER (1997:40) chama os mecanismos lingüísticos que desencadeiam *espaços mentais* de construtores de espaço (*space builders*). São Sintagmas Nominais, Adjetivais, Verbais, Preposicionais ou Adverbiais que introduzem fracionamentos epistêmicos, tais como crenças, discursos reportado, hipóteses, contrafactuais, domínios temporais / espaciais / ideológicos, representações pictóricas / literárias, fílmicas, etc. O exemplo estelar na literatura, introduzido por JACKENDOFF (1975:12-14), registra que *No retrato, a menina de olhos verdes tem os olhos azuis*.

Não fora o *space builder no retrato*, que distribui as duas representações (“real” e “pictorial”) de *menina*, a sentença seria uma expressa contradição.

### 2.1.2.3- O princípio sociocognitivo de projeção

Para estabelecer conexões interdomínios cognitivos (estáveis ou temporários) a construção do sentido trabalha por vários tipos de projeções. No exemplo *Na novela, o ator, que era magro, teve de ficar gordo* temos um *space builder na novela*, introdutor de um espaço mental drama (D) que é diferente do espaço formado como base (B) pelos participantes na cena comunicativa. O *princípio da identificação* permite que a descrição de *a* seja usada para identificar sua contraparte em *a'*. Nos termos da formalização, proposta em FAUCONNIER 1994, 1997, a interpretação da sentença considerada presume relações como as seguintes:

Figura 1



A projeção exemplificada constitui a instanciação de processos que podem ser consideravelmente mais complexos – tal como postulado em FAUCONNIER & TURNER 2002, em que se estudam vários tipos de

integração conceptual (mesclagem simplíssima, em espelho, metafórica, metonímica, analógica, megamesclagens).

Trabalhos anteriores sobre relações projetivas na criação de significados (os estudos seminais de Lakoff, Johnson e Turner) sobre a *metáfora conceptual* vêm a ser vantajosamente revistos, à luz do processo cognitivo de mesclagem: ao invés de tratarmos exclusivamente com *projeções bidominiais*, no caso da metáfora, passamos a lidar com *redes multidominiais*, constituídas, no mínimo, de *um domínio genérico* muito abstrato, *dois domínios-fonte* que se correlacionam através deste e o domínio-mescla resultante, que mobiliza, dinamicamente, elementos dos domínios-fonte, interconectados.

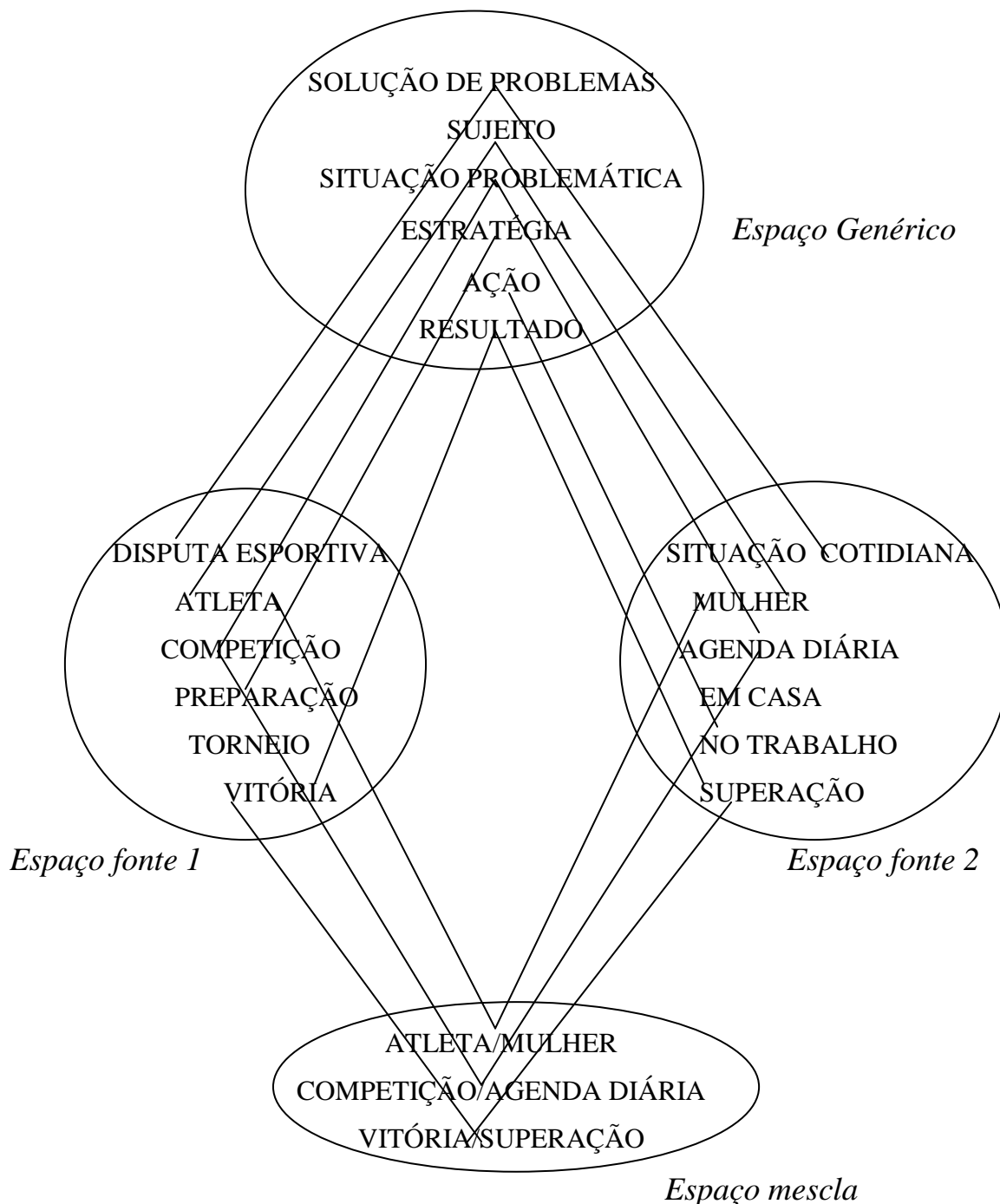
É o que se constata na interpretação pretendida da seguinte propaganda de um Banco, veiculada pela televisão durante o período das Olimpíadas de 2004, que descreve o cotidiano de uma mulher brasileira a ser tomada, metonimicamente, como emblema de todas as outras, e sua dupla jornada – em casa e no trabalho. Após narrar as atividades realizadas pela mulher, desde o momento em que acorda até o momento em que chega ao trabalho, pontualmente antes do chefe, a propaganda faz o seguinte comentário:

(2)

<p>A VIDA É UMA COMPETIÇÃO E PARA O BRADESCO TODO BRASILEIRO É UM ATLETA</p>
--------------------------------------------------------------------------------------

A interpretação deste texto requer, no mínimo, que se implemente o seguinte esquema de correspondências e de integração conceptual.

Figura 2



O exemplo considerado, indiscutivelmente uma projeção metafórica, ilustra o que FAUCONNIER & TURNER (2002: 126) denominam



*mesclagem de escopo único*. Isto significa que elaboramos um domínio extremamente complexo (o de vida diária de uma mulher trabalhadora, com seus conflitos de interesse e múltiplos estrangulamentos) a partir de uma conceptualização idealizada – a de um torneio esportivo, introduzindo nele elementos fortíssimos de *compressão conceptual*, *coesionamento* e *focalização*. São *contrabandeados* nessa fusão conceptual *elementos ideológicos inegáveis*, que agregam ao cotidiano opressivo do cumprimento da agenda diária a aura da autodisciplina e da glorificação do atleta em processo de disputa.

Nada impede que o discurso prossiga e a conceptualização considerada seja objeto de adesão ou rejeição: este é o movimento essencial de deriva interpretativa. Outros domínios serão suscitados: nada precisa deter a semiose, mas, no mínimo, a rede básica que apontamos precisa ser reconhecida para que o discurso faça sentido – e o Bradesco prospere economicamente.

Para FAUCONNIER & TURNER (2002:114), *a mesclagem é o instrumento de compressão por excelência*. Em outras palavras, a emergência da significação, oriunda da ativação dos espaços metais, consiste na evocação esquematizada de *Relações Vitais Básicas* da experiência humana – *Identidade, Tempo, Representação, Intencionalidade, Parte-Todo, Causa-Efeito, Analogia/Desanalogia, Mudança, Unicidade, Categoria, Similaridade, Propriedade*. Essas relações ligam e fortalecem as conexões entre os EM<sub>S</sub>, sobretudo os que têm origens diferentes.

Tais *Relações Vitais Básicas* (RVB<sub>S</sub>) constituem uma espécie de *acervo de categorias cognitivas originárias*. Não são primitivos semânticos

já que internamente decomponíveis. (Afinal, resultam de um processo de integração conceptual). Mas são cognitivamente básicas, na medida em que organizam a expansão das redes semióticas.

FAUCONNIER & TURNER, em seu grande texto de 2002, defendem a idéia de que a compreensão do mundo e a comunicação intersubjetiva presumem sempre uma adequação fenomenológica à “*escala humana*”. Uma referência emblemática é a metáfora convencionalizada da VIDA COMO UM DIA DE TRABALHO, sendo a Morte correspondentemente equiparada ao Sono. Esta metáfora, que tem alta nobreza literária (basta lembrar o solilóquio do *Hamlet*), decorre de uma compressão extraordinária na escala do Tempo, que oferece como vantagem cognitiva a possibilidade de coesionar e focalizar um complexo campo conceptual. Por esta razão, o *processo cognitivo de mesclagem*, apto a gerar todo o conjunto de RVB<sub>s</sub>, é considerado altamente operativo em todas as condições humanas de socialização e de busca do entendimento.

Nesta linha, a linguagem (cf. FAUCONNIER & TURNER, 2002:365 e seg.), que resulta ela própria de um complicado processo de *mesclagem de duplo escopo* – entre um significante fônico (ou gestual, no caso das linguagens de sinais) e um potencial de significação densamente intersemiótico – oferece as melhores condições possíveis para que se produza a específica cognição humana.

Por sua escassez constitutiva, o significante lingüístico contribui com deflagração de esquemas conceptuais bastante parcimoniosos mas suficientemente precisos para permitir a comunicação. Nestes termos as

categorias gramaticais, entre as quais as *classes sintáticas*, cumprem funções cognitivas também definíveis como projeções conceptuais.

Vejamos o exemplo de composição nominal *prisão domiciliar*.

A expressão compõe-se de *Nome/Adjetivo*, evocando um domínio de residência doméstica e um domínio de punição criminal. No mapeamento entre os domínios, *prisão* e *casa* são contrapartes conceptuais, razão pela qual, a mescla opera sobre estes dois domínios-fonte, através de uma rede que ativa tanto características de uma residência como as de uma prisão – o conforto de uma casa, mas com a liberdade vigiada.

É importante verificar que a categorização sintática *Nome/Adjetivo* contribui, nesta mescla, com importante assimetria: ainda que o domínio *domicílio* contribua características importantes, a definição prevalente é a de *prisão*, Núcleo do Sintagma Nominal.

Outro exemplo de Composição Nominal, em que se observa a atuação de elementos comunicativamente relevantes, aparece num anúncio divulgado por uma oficina de lanternagem e pintura de veículos aqui em Juiz de Fora.

(3)

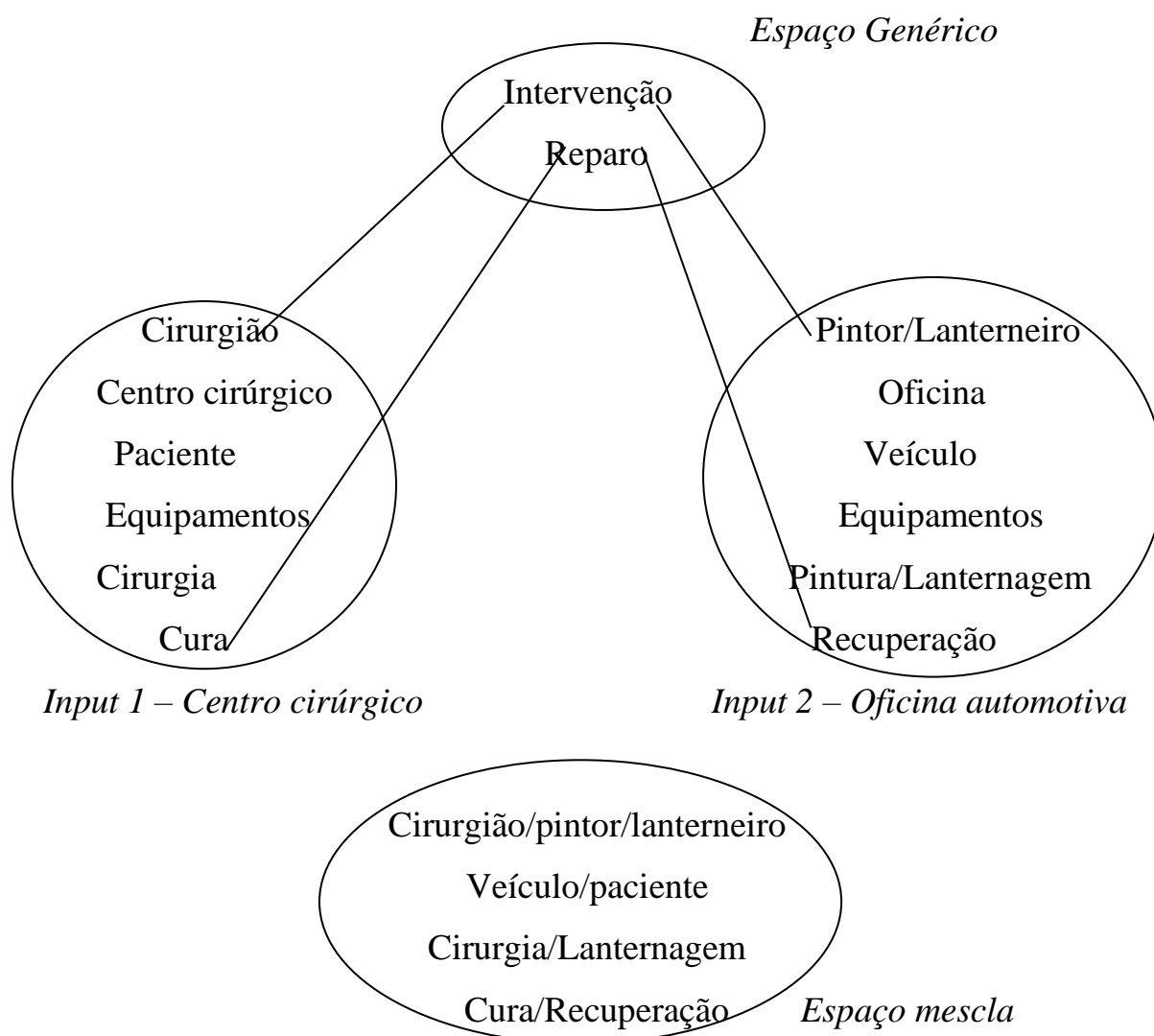
<p><i>CIRURGIA AUTOMOTIVA</i>  <i>ESPECIALIZADA EM PEQUENOS</i>  <i>REPAROS COMO: RISCOS E AMASSADOS</i></p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A expressão “*cirurgia automotiva*” suscita uma rede cognitiva com dois domínios-fonte: o primeiro constituído pelos elementos de um centro cirúrgico médico (*médico, paciente, instrumentos cirúrgicos, técnicas para*

*realizar a operação*); o segundo, formado pelos elementos de uma oficina mecânica cuja especialidade é a pintura de veículos (*pintor, ferramentas para pintura, para desamassar, etc*).

O espaço mescla de “*cirurgia automotiva*”, vindo de dois domínios distintos, integra de forma criativa dois domínios-fonte de diferentes origens: a compressão das características permite sugerir que os carros estejam submetidos a um processo, extremamente preciso, de recuperação de danos, ou seja, a um serviço especializado de alta precisão, como se espera de uma cirurgia.

Figura 3



Trata-se, indiscutivelmente, de uma forte compressão das situações por fusão e identidade dos papéis nas duas cenas. Não obstante, as distinções persistem óbvias: ninguém se autorizaria a pensar que a operação de recuperação do veículo envolve processos biológicos! Na mesclagem, os domínios-fonte prosseguem focalizados, ao tempo em que a integração conceptual, promovida pela modificação Nome/Adjetivo promove inferências sobre as homologias postuladas entre os dois domínios.

## 2.2- A gramática como projeção simbólica

A concepção de sentido e de linguagem que delineamos na seção anterior acarreta uma concepção de gramática que é também profundamente distinta de abordagens anteriores, especialmente da tradição gerativa.

Ao invés de abraçarmos uma visão “sintatocêntrica” (nos termos de JACKENDOFF 1997, 2002), que restringe à sintaxe a condição de geratividade, preferimos acolher a hipótese de uma geratividade operante em diversos domínios (fônico, morfossintático e conceptual). Por sua vez, e já sugerido anteriormente, estes domínios se interconectarão em *redes de correspondências* definíveis especificamente, mas de nenhuma forma em termos de *relações modulares*.

Esta é, na verdade, a grande diferença entre as hipóteses cognitivas sobre a gramática (tal como formuladas nos textos fundadores de 1987, propostos independentemente por LANGACKER e por George LAKOFF) e a hipótese gerativa esposada por CHOMSKY em suas sucessivas versões (de 1955 a 1995). A gramática gerativa, ainda quando reconhece domínios

distintos (“módulos”), prevê que estes operem como “caixas fechadas”, de tal modo que só os seus *outputs* sejam acessíveis à operação dos outros módulos. No caso das “gramáticas cognitivas”, que são expressamente *simbólicas*, isto é, mediadoras de conexão forma/sentido, as relações semiológicas são muito mais permeáveis – de onde procede a categoria de *motivação da gramática*.

Um exemplo de análise que trata a gramática como conceptualmente motivada está em SALOMÃO 1990, que propõe *uma estrutura radial* (i.e. *em rede*) para explicar a polissemia do predicador *dar*, a partir do seu sentido canônico de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, ilustrado em sentenças como *O professor deu o livro para o aluno*. As demais acepções, todas idiomatizadas e algumas gramaticalizadas, são explicadas através de *projeções figurativas* metafóricas e metonímicas, obtidas pela exploração do feixe de esquematizações conceptuais que se articulam na construção básica. Nestes termos, a *geratividade* (ou seja a elevada produtividade destas configurações) em termos de *projeções simbólicas*: ou seja, em termos da irradiação de construções específicas, antes que da expansão algorítmica de seqüências, ou de conjuntos de seqüências.

Já no início da década de 80, o estudo composicional da significação – enfoque que calcula o significado da sentença pela articulação sintática dos formantes mórficos ou lexicais – perde força no cenário dos estudos da linguagem. Uma série de estudos realizados, especialmente sob a inspiração de FILLMORE, passa a progressivamente demonstrar que a distinção entre léxico e gramática é tênue e ignora todos os processos de pré-preenchimento lexical, ou seja, de pré-especificação de posições sintáticas disponíveis.

Os idiomatismos, varridos para debaixo do tapete por grande parte da tradição dos estudos lingüísticos, tornam-se, nesse momento, alvo de análises pormenorizadas e exibem, para grande surpresa de muitos, uma extraordinária quantidade de “regularidades” gramaticais.

Neste cenário (que nesta dissertação, não nos propomos detalhar) que nos inícios da década de noventa, emerge uma hipótese particular sobre a gramática cognitiva, a *gramática das construções*, que corresponde com nitidez ao conceito de *gramática como projeção simbólica*. Desde que é esta uma hipótese central para nossa análise buscaremos nas próximas seções, caracterizá-la, compará-la com a hipótese da *arquitetura paralela* e sondar como ela lida com o processo diacrônico das gramaticalizações.

### 2.2.1 - A gramática das construções

Nos termos que anunciamos, GOLDBERG 1995 constitui um grande avanço frente à tradição lingüística que postulava uma forte separação entre os estudos do léxico e da gramática. Seu trabalho entretanto, defende que tanto expressões sintáticas complexas (por exemplo, o padrão sintático característico da Passiva Analítica em Português: *SN+SER+V+do(+por SN)*), como expressões morfológicamente elementares (seja, por exemplo, *+ndo*, sufixo do Gerúndio) devam ser entendidas como específicos pareamentos de uma Forma e de um Sentido – ou seja como uma Construção Gramatical.

Como se vê, a abordagem cognitivista de GOLDBERG trata consistentemente as expressões gramaticais como *simbólicas* e as expressões gramaticais serão definidas como *lexicais* ou *sintáticas* em termos de gradação num contínuo e não de dicotomização. Quanto menos

abertas à variedade de sua composição interna, mais serão as formas categorizáveis como *lexicais*; quanto mais acessíveis à composição, mais *sintáticas*. Em qualquer caso, todos os signos lingüísticos/todas as construções comporão uma vasta rede, organizada de tal modo que *construções mais básicas* motivarão as demais, inclusive aquelas inéditas que hão de ser geradas como *projeções das construções* já existentes.

GOLDBERG (1995:67) postula que a gramática de uma língua deva ser pensada em termos de *uma rede de ligação por herança*. Em outras palavras, as construções lingüísticas são um conjunto estruturado em que cada construção herda propriedades de uma construção básica.

Estudos recentemente realizados aqui em Juiz de Fora ilustram à maravilha este postulado. Por exemplo, PUGLIESE 2004 mostra que **Construções Desreflexivizadas**, tais como *A cadeira caiu quando eu levantei*, são motivadas por *Construções Reflexivas Canônicas* como *A cadeira caiu quando eu me levantei*. Na mesma linha, SALOMÃO 2004 demonstra que *Construções Transitivas com Sujeito Afetado*, por exemplo *Ele me assou um bolo de chocolate*, são motivadas por Herança Múltipla a partir da *Construção Transitiva Canônica* (*Ele assou um bolo de chocolate*) e da *Construção do Beneficiário* (*para X*).

Muitos outros estudos, focados como a pesquisa de GOLDBERG, na *especificação da estrutura argumental* (tradicionalmente denominados *estudos da valência verbal*) ilustram a necessidade de superar a solução lexicalista clássica, que replica na verdade os costumes da gramática tradicional, de multiplicar as entradas lexicais de um predicado cada vez que se trata de uma mudança na “regência”. Assim, no caso do verbo *assar*, a escolha do verbo refere-se ao recorte de uma cena conforme quem



sejam os participantes dela. A configuração que o verbo contribui inclui um Agente ASSADOR e um Paciente, a COISA (a ser) ASSADA. Estes *Participantes* na cena evocada correspondem a *Argumentos* da configuração construcional, que, no caso de **Construção do Sujeito Afetado**, agrega um novo Argumento, o Beneficiário, necessariamente co-referencial com o Agente.

Usando a notação, proposta em GOLDBERG 1995:50, teríamos a seguinte representação:

Figura 4

#### CONSTRUÇÃO TRANSITIVA CANÔNICA

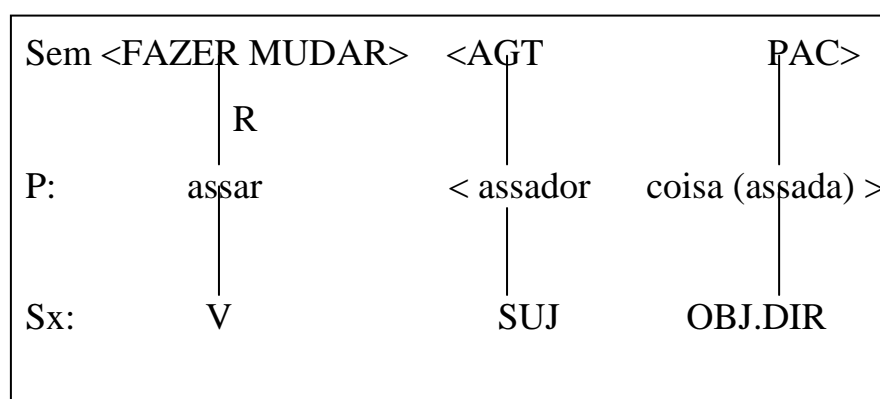
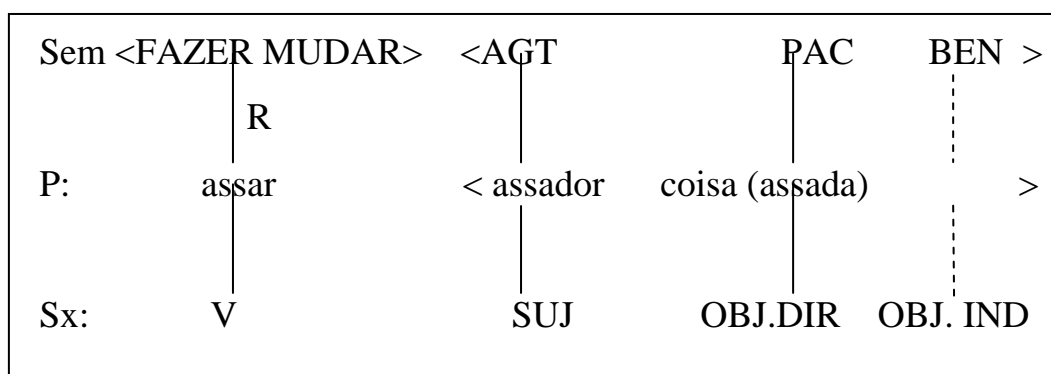


Figura 5

#### CONSTRUÇÃO DO SUJEITO AFETADO (ou DO BENEFICIÁRIO)



As matrizes acima postuladas exibem, na primeira linha a semântica da construção (os Papéis Argumentais), na segunda linha a semântica da predicação (os Papéis dos Participantes) e na terceira linha a sintaxe da construção (os Papéis Gramaticais).

A necessidade de diferenciar a semântica da construção e a semântica da predicação decorre de duas razões fundamentais. A primeira tem a ver com fato que a mesma construção pode instanciar-se com os predicados os mais diversos, como fica exemplificado abaixo:

- (4) (a) Ele *me* assou um bolo de chocolate  
 (b) (*Estava contando com ele e*) ele *me* sai de férias  
 (c) Ela *me* muda de casa a cada dois anos

A segunda razão decorre do fato, observado em GOLDBERG 1995:27-31, de que os predicadores, como itens lexicais contribuem com denso enquadramento sociocultural, que não é redutível à semântica da construção. Considerem-se os seguintes exemplos:

- (5) (a) *O jovem afônico gritou para o amigo*  
 (b) *O jovem afônico berrou para o amigo*  
 (c) *O jovem afônico sussurrou para o amigo*

A inadequação de (5) (a) e (b) justifica-se pelo fato de os dois primeiros verbos exigirem daquele que *grita* ou daquele que *berra* muito esforço vocal, o que não ocorre com o verbo *sussurrar*, que enquadra uma cena em que a enunciação não exige esforço da voz. Desse modo, é justificável semanticamente a seleção do sujeito em questão (*jovem afônico*).

Como já ficou dito, o repertório das construções em uma língua não é um conjunto aleatório; pelo contrário, este repertório se organiza segundo, de acordo com GOLDBERG (1995:67-68), segundo quatro princípios *organizacionais da linguagem*: o *Princípio da Motivação Maximizada*, o *Princípio da Não Sinonímia*, o *Princípio da Expressividade Maximizada* e o *Princípio da Economia Maximizada*.

O *Princípio da Não Sinonímia* postula que as construções, que têm sintaxes distintas, são semântica ou pragmaticamente diferentes. O *Princípio da Motivação Maximizada* refere-se ao relacionamento sintático entre uma construção *A* com uma construção *B*, de tal modo que se possa postular que *B* é motivada por *A* e, pois, relaciona-se semanticamente com *A*. Os *Princípios da Expressividade e o da Economia Maximizadas* referem-se ao repertório de construções lingüísticas disponíveis a um certo falante, e que obedece à condição da Navalha de Occam: devem ser suficientes para a expressão desejada e limitar-se estritamente às necessidades expressivas.

As frases abaixo ilustram o *princípio da não sinonímia*:

(6) (a) *Pedro deu o livro para o aluno*

(b) *A janela da cozinha dá pra varanda*

(c) *Ele deu pra médico*

As três sentenças acima, que são sintaticamente distintas, têm, por conseqüência, conteúdos semânticos diferentes. Nas duas últimas orações ocorre a supressão do Objeto Direto e os Complementos do Verbo *dar* - “*pra varanda*”, “*pra médico*” – são tratados como *Alvos*. Já a expressão *para o aluno* pode ser, na valência (6) (a), entendida como *Recipiente*.

O *Princípio da Motivação Maximizada* pode ser exemplificado pela relação sintática e semântica observada entre as seguintes sentenças:

- (7) (a) *O carro tem um som potente* – Construção Alienável de Posse  
 (b) *Tem um som potente no carro* – Construção Existencial

A relação entre estas construções, tratada por FILLMORE 1968, é objeto de análise pormenorizada na tradição tipológica. GOLDBERG (1995) propõe que a semântica das sentenças resulte parcialmente da fusão de Papéis de Participante e Papéis Argumentais. Essa fusão é guiada por dois princípios - o da *coerência* e o da *correspondência*. O primeiro refere-se à compatibilidade conceptual entre Participantes/Argumentos; o segundo refere-se à realização sintática dos Participantes. A *fusão*, para a autora, capta os contrastes semânticos entre os papéis de participantes associados ao verbo e aos papéis argumentais da construção.

SALOMÃO (1999, 2002, 2003, 2004) e MANDELBLIT (1997) abordam a questão da produção de sentido de uma forma mais processual, adotando como hipótese analítica o princípio cognitivo de mesclagem. Esta solução, que parece óbvia quando se trata de casos de Herança Múltipla, obtém muito mais flexibilidade e elegância também para os outros casos.

Como, em seções anteriores, já caracterizamos o que seja a mesclagem, voltaremos no quarto capítulo ao detalhamento deste *insight* para os estudos gramaticais.

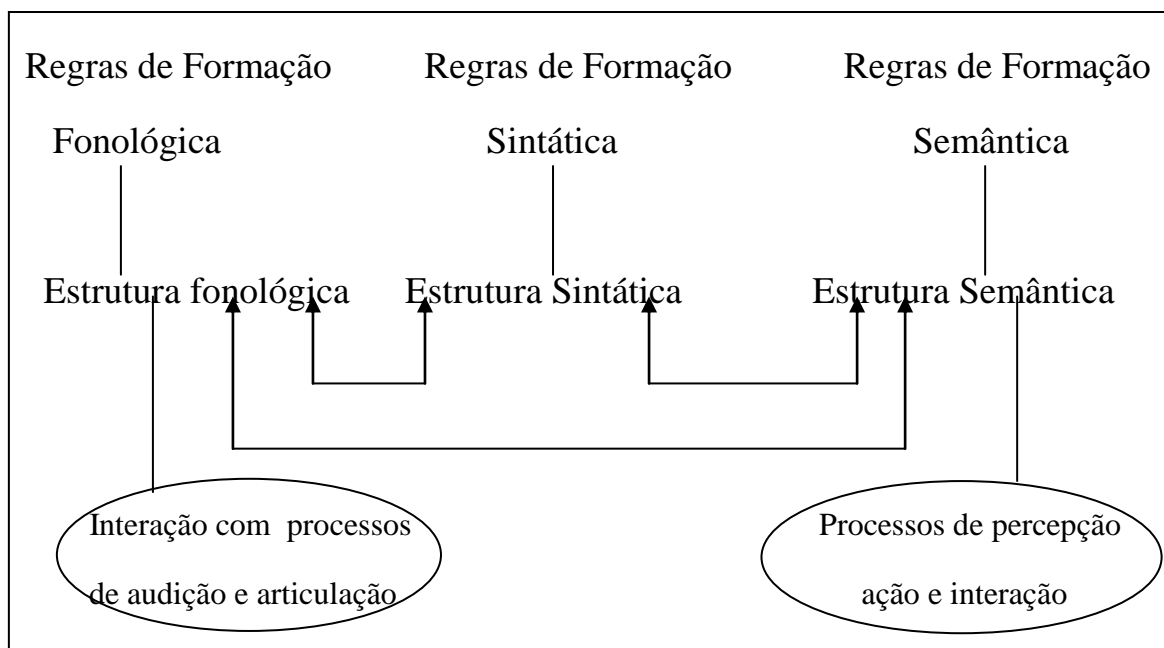
### 2.2.2 – A hipótese sobre a arquitetura paralela

A hipótese da arquitetura paralela é um desenvolvimento da *semântica conceptual*, movimento que Ray JACKENDOFF, um dos principais lingüistas gerativos, vinha fazendo desde os anos oitenta, na tentativa de preservar o essencial do legado gerativo, ao tempo em que enfrentava os desafios da análise do sentido. Em sua *magna opus* de 2002, síntese de muitos esforços anteriores, JACKENDOFF faz um forte endosso daquilo que ele considera o tripé fundador do gerativismo (cognitivismo/ “mentalismo”, inatismo e composicionalidade) mas argumenta contra o “sintatocentrismo” que, a seu ver, compromete o potencial desta linguagem analítica.

Ao postular a condição da geratividade também para formações fonoprosódicas e praxo-conceptuais, a par das formações sintáticas, JACKENDOFF (2002:125-132) incumbe o léxico de promover a interface entre estes três níveis de organização da linguagem verbal. O léxico deixa, pois, de ser o “reservatório das irregularidades” *para tornar-se, de fato, toda a gramática*. É óbvia a aproximação com a arquitetura da hipótese construcional.

Para efeitos de facilitação do acesso às idéias de JACKENDOFF, transcrevemos abaixo o seguinte diagrama que representa, em grandes linhas, a “arquitetura paralela”:

Figura 6



O léxico de JACKENDOFF, como componente de interface, abrange desde morfemas (como o já mencionado  $\{+ndo\}$ , Sufixo do Gerúndio), até palavras regulares como *verde*, regras para formar a conjugação do Pretérito Imperfeito dos Verbos Regulares da 1ª Conjugação (como  $V+a+va+Pessoa$ ), expressões sintaticamente complexas e inteiramente especificadas (como a fórmula de abertura de uma interação telefônica *Quem fala? / Quem está falando?*) e expressões sintaticamente complexas mas abertas à especificação de seus formantes (tais como a já mencionada fórmula da *Passiva Analítica*).

Não resta dúvida, pois, que existe uma forte convergência entre a “gramática das construções” e o modelo de arquitetura paralela: ambas foram designadas para incorporar idiomatismos na qualidade de expressões legítimas e também para desmanchar a falsa barreira entre *formação de palavras* e *formação de sentenças*. Embora estes processos sejam

formalmente distinguíveis (vide JACKENDOFF, 2002:7-10), eles não se diferenciam na sua natureza.

De fato, para JACKENDOFF, gerar as formas verbais da configuração do Imperfeito do Indicativo da 1ª Conjugação em Português, ou gerar diversas realizações de Passiva Analítica implica, nos dois casos, em mobilizar uma *Regra-l* – uma *regra de composição de formantes*, pouco importando que o resultado da regra seja uma palavra ou um padrão sintático (um sintagma ou uma sentença).

Em grandes linhas, o argumento de JACKENDOFF, detalhado no capítulo 6 da obra referida, é que a *Regra-l*, sendo um padrão formativo, constitui, ela também, um *item lexical*, independentemente de corresponder a um padrão absolutamente regular / “muito produtivo” (como é o caso da conjugação do Imperfeito da 1ª Conjugação ou a Construção Sujeito-Predicado) ou a um padrão defectivo e variavelmente irregular / “semiprodotivo” ou “improdutivo” (como é o caso da Passiva Analítica) .

Esta hipótese alimenta uma específica investigação sobre a natureza da memória e sobre a aquisição do conhecimento lingüístico, que se faria a partir de “itens lexicais abstratos” ou “padrões abertos”, que gerariam todo o processo de aprendizagem.

Tal idéia é muito interessante e voltaremos a ela na análise que nos propomos a fazer e que postula para a formação estudada também o caráter de *Regra-l*. (Como veremos, a formação que estudamos está numa área limítrofe entre a formação morfológica e a formação sintática).

Há duas grandes diferenças entre a análise construcional e a da arquitetura paralela, que elucidaremos a bem da clareza da exposição, mas que não nos interessa debater aqui.

Em primeiro lugar, a gramática das construções surge do estudo de idiomatismos e expressões formulaicas (vide o importante estudo de FILLMORE sobre o “falante inocente”). Há, portanto, uma ênfase específica na determinação pragmática das formações que o estudo jackendoffiano negligencia.

Em segundo lugar, e mais importante, as construções são, por definição, *formações simbólicas*, isto é pareamentos de forma e sentido. As *regras-l* e os itens lexicais de JACKENDOFF são prototipicamente simbólicos, mas JACKENDOFF nos chama a atenção para a existência de itens que têm semântica mas são fonicamente vazios (por exemplo, as *anáforas zero*) e outros, que são foneticamente e sintaticamente especificados (como os Sujeitos Pronominais em Inglês e Francês: *It rains / Il pleut*) mas que são semanticamente vazios. Nestes termos, a gramática/léxico de JACKENDOFF é mais flexível, como rede, do que a gramática das construções, em suas versões originárias e, especialmente, na versão goldbergiana.

A flexibilidade da arquitetura de JACKENDOFF encontra eco na postulação de FAUCONNIER e TURNER 2002 (caps.7 e 9). Estes autores defendem a idéia de que, os símbolos lingüísticos procedem de uma *mesclagem de duplo escopo*, que, no caso de palavras prototípicas, como *pés, hino, comer, azul*, terá se estabilizado em uma forma cristalina. Já no caso de formações complexas (*cirurgia automotiva, filhos de Gandhi*, etc), será necessário retomar as projeções, fazer a mescla e reconhecer a heterogeneidade dos espaços-fonte. Nestas condições, será possível ter *regras-l* que, por sua vez, tenham, de tal modo, opacificado sua motivação originária que venham a ser reinterpretadas como *esquemas genéricos* – enormemente “prestativos” seja para a evocação de novos cenários seja para a postulação de novas interpretações.



### 2.2.3 – O processo histórico da gramaticalização

Nesta dialética entre motivação e cristalização, que parece intrínseca à concepção de gramática que adotamos – como projeção simbólica estruturada radialmente que comporta uma heterogeneidade constitutiva –, é natural que algumas construções se especializem para a expressão das chamadas Categorias Gramaticais.

No dizer de TALMY 1987, a distinção entre significações “gramaticais” e significações “lexicais” é que as primeiras constituem *um repertório fechado*, disponível, em cada língua concreta, para o falante configurar o processo significativo que sua expressão desencadeia. Trata-se do conjunto de categorias Tempo, Aspecto, Modalidade, Modo, Gênero, Número, Pessoa, entre outras.

O processo de gramaticalização, tipo de desenvolvimento diacrônico muito estudado pelos tipologistas no final do século XX, e saudado com grande interesse por “motivacionistas” de todos os naipes (funcionalistas e cognitivistas), tem seu tratamento canônico oferecido no compêndio de HOPPER & TRAUGOTT, primeiro publicado em 1993 e reeditado, com modificações, em 2003. Nos termos destes estudiosos, entende-se como gramaticalização:

*(...) o estudo da mudança lingüística que focaliza como é que certas construções e itens lexicais, em determinados contextos lingüísticos, passam a desempenhar funções gramaticais (...)*  
(HOPPER & TRAUGOTT, 2003:1)

O fenômeno que estudaremos caracteriza-se, a nosso ver, como uma específica construção (ou Regra-1) que *se especializou na expressão de uma nuance de significação aspectual*. Diferentemente de perífrases mais

consolidadas (e possivelmente mais antigas), como *estar+Gerúndio* para representar o Presente Progressivo, nossa construção apresenta ainda os elos de sua relação motivacional na rede em que se inscreve. Talvez, por isso também, seja muito menos reconhecida e estudada.

De todo modo, o processo histórico da gramaticalização é um conceito absolutamente consistente com o entendimento sociocognitivo da *gramática como rede de construções* e mesmo com a hipótese gerativa sobre a arquitetura paralela, segundo a qual também seria natural que certas correspondências sintático-semânticas se estabilizassem e se oferecessem ao falante como opção expressiva para significações “gramaticais”.

### ***3- As construções com verbo dar no Português do Brasil***

#### *3.1- Preliminares*

O estudo mais completo e ambicioso das construções com o verbo dar no Português do Brasil é a tese *Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar* defendida por SALOMÃO em 1990, na Universidade da Califórnia, em Berkeley, sob a orientação de Charles Fillmore: a autora baseia sua análise em um conjunto de metáforas e metonímias convencionalizadas para fazer a conexão entre as diversas significações do verbo dar.

De fato, SALOMÃO propõe uma rede de construções com dar, cujo centro está ocupado pelo sentido mais concreto que é o de Transferência de Posse. Sua identificação de uma grande rede polissêmica repousa na hipótese de uma gramática motivada conceptualmente, de tal modo que o sentido mais básico, de alguma forma, ecoa nas outras construções mais periféricas.

Recentemente, foi elaborada uma outra análise, gerativista, desenvolvida sob a égide do Programa Minimalista, que se apóia na hipótese sobre Morfologia Distribuída (MD), proposta por Halle & Marantz 1993. Trata-se da tese *As construções com verbo leve dar e nominalizações em -ada no PB*, defendida em 2004 por Ana Paula SCHER na Unicamp. Trabalha especificamente com a construção dar+[uma+X-ada] (PP), uma das muitas possibilidades identificadas na rede proposta por SALOMÃO. SCHER aponta que estas construções com o verbo leve

resultam de operações sintáticas específicas, com o efeito de expressarem uma determinada acepção aspectual.

Embora o trabalho de SCHER seja um esforço de fôlego e contribua significativamente para a descrição do fenômeno, referiremos suas descobertas em contraposição à nossa própria análise, sem enveredarmos por sua resenha crítica. Este passo, que sem dúvida precisa ser dado, nos afastaria muito do caminho que presentemente traçamos.

Nossa própria análise nesta dissertação buscará outro ferramental analítico e chegará a suas próprias conclusões.

### 3.2- *Uma análise cognitivista*

SALOMÃO (1990) estuda uma vasta rede de construções lingüísticas todas as quais empregam o verbo *dar*. Todos os padrões oracionais apresentados incluem este verbo com uma grande variedade de significações, ocorrendo em um diferenciado acervo de contextos sintáticos. Exemplificam a situação os seguintes usos:

(8) (a) **Transferência concreta de posse:** *Paulo deu uma blusa listrada para a namorada*

(b) **Transferência metafórica de posse:** *O pai deu mais atenção ao filho*

(c) **Avaliação:** *Eles deram o assunto por encerrado*

(d) **Causação metonímica:** *O trabalho deu vinte páginas*

(e) **Experiência subjetiva:** *A viagem dela me deu muita preocupação*

(f) **Tempo / Meteorológica:** *Deu meia-noite / Deu sol todo o domingo*

(g) **Existencial:** *Deu na revista o fim da novela*

(h) **Movimento Fictício:** *Essa praça dá na rua de cima*

(i) **Mudança de estado:** *O garoto estudioso deu num ótimo médico*

(j) **Habitualidade:** *Ela deu pra acordar cedo*

(l) **Modalidade:** *Dá pra sair agora?*

De acordo com a visão tradicional dos estudos da linguagem, a variedade da significação das sentenças acima deveria ser representada pela listagem das diferentes valências, descritas individualmente, para cada uso do verbo *dar*. Uma solução pouco econômica e incapaz de abranger a rede de significações criadas pelo verbo, embora seja este o tratamento lexicográfico por excelência. Basta consultar um dicionário (qualquer dicionário) e é esta a situação que encontraremos. O mesmo vale para as gramáticas tradicionais no capítulo de “**Regência Verbal**”.

Em oposição a este tipo de solução, que pode ser denominada *solução homonímica* (é matéria de concordância que todos os usos considerados empreguem o mesmo verbo *dar*), SALOMÃO empreende uma análise que reivindica a hipótese langackeriana de que *a gramática é uma estrutura simbólica*, e, portanto, mediadora dos processos significativos. Não é, portanto, acidental a ocorrência do verbo *dar* em todos estes casos mas, embora eles se caracterizem como conceptualmente dispersivos, isto é, *polissêmicos*.

Para abordar este caso de polissemia, SALOMÃO se inspira claramente nos tratamentos oferecidos em LAKOFF 1987 para o caso da

partícula adverbial *over* e para as estruturas oracionais com *there* locativo e existencial (LAKOFF, 1987:462-585). Postula, então, que todos os usos com *dar* constituem uma *categoria radial*, isto é, integram uma rede que tem um centro, um uso básico, do qual se irradiarão os demais vinte e três padrões oracionais estudados.

O detalhamento da análise mostra que a própria rede é internamente estruturada e que *a construção central motivará quatro construções* que desempenharão o papel de *subcentros da rede*.

A leitura deste trabalho, ao mesmo tempo em que impressiona pela coragem e pelo pioneirismo, mostra também que o conceito de *herança construcional* é tratado de forma bem mais frouxa que no trabalho posterior de Goldberg. Outro ponto a observar é que todas as *relações motivacionais* (agora, tratáveis como relações de herança) são tratadas como *projeções figurativas* (metafóricas ou metonímicas), situação que possivelmente deveria ser revista se fosse nosso objetivo retomar esta análise.

### 3.2.1 – *A construção central e seus esquemas conceptuais superpostos*

SALOMÃO postula que a construção central, sintaticamente triargumental, evoca conceptualmente o Modelo Cognitivo Idealizado de TRANSFÊRENCIA DE POSSE, exemplificada na sentença seguinte:

(9) *A Maria deu um pedaço de bolo pro Antônio*

Os argumentos em favor desta solução alinham-se em dois campos. Sob uma angulação formal, a análise mais econômica é a que procede de

TRANSFERÊNCIA DE POSSE para os outros usos; ao contrário jamais é verdadeiro. Sob uma angulação substantiva, a TRANSFERÊNCIA DE POSSE é uma ação concreta, cognitivamente básica do ponto de vista ontogenético (cf. estudos (posteriores), por exemplo de TOMASELLO 1999) e do ponto de vista dos padrões interativos mais elementares. Além disso, evidências de análises diacrônicas aduzidas mostram que a mudança semântica procede sempre de esquemas mais concretos para os mais abstratos, ou para os estendidos figurativamente. Por todas estas razões, postula-se que a construção de **Transferência de Posse** seja o centro da rede polissêmica.

O modelo cognitivo evocado qualifica-se como um *MCI proposicional* (nos termos de LAKOFF, 1987:285), isto é, pode ser representado como uma estrutura definida pelos Papéis dos Participantes no evento evocado. Trata-se, além disso, de uma *cena complexa* (nos termos de FILLMORE, 1977: 100 e seg.), pois implica uma organização temporal interna: há um conjunto de situações estruturadas sequencialmente, entre as quais se verificam vários tipos de relações semânticas, como por exemplo, Causa, Propósito e Identidade.

O cenário prefigurado constitui-se de três situações:

- A. um estado inicial, pré-condição de B
- B. uma mudança
- C. um estado final, resultado do processo

A ontologia correspondente a estas situações é a seguinte:

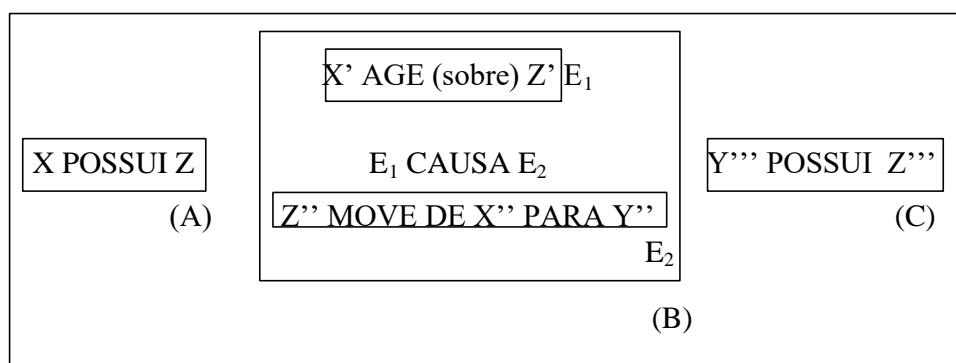
- |                   |             |
|-------------------|-------------|
| (A.) X: POSSUIDOR | POSSUIR X Z |
| Z: COISA POSSUÍDA |             |

- (B.) X': AGENTE<sup>1</sup>                      AGIR X' Z'  
 X'': FONTE  
 Z': PACIENTE                      PASSAR Z'' X'' Y/Y''  
 Z'': FIGURA  
 Y': RECIPIENTE  
 Y'': ALVO
- (C.) Y''': POSSUIDOR                      POSSUIR Y''' Z'''  
 Z''': COISA POSSUÍDA

A semântica global deste cenário é representável na diagramação abaixo:

Figura 7

CENÁRIO COGNITIVO DA TRANSFERÊNCIA DE POSSE



Como fica claro, não obstante seu caráter cognitivamente básico, o Modelo Cognitivo de Transferência de Posse é eminentemente complexo envolvendo não só o ordenamento cronológico das situações (A), (B) e (C), mas também os esquemas conceituais de *Posse*, *Ação*, *Causa* e *Movimento*. Segundo SALOMÃO, são estes esquemas que serão

<sup>1</sup> As alíneas assinalam contraposições, estabelecendo as relações de Identidade



exportados pelos usos estendidos da Construção Básica, usos que serão necessariamente “desbotados” (*bleached*) frente à densidade conceptual da construção originária.

Nos termos da formalização usada por SALOMÃO em 1990 será a seguinte a configuração da construção básica, definida em termos do pareamento forma/sentido.

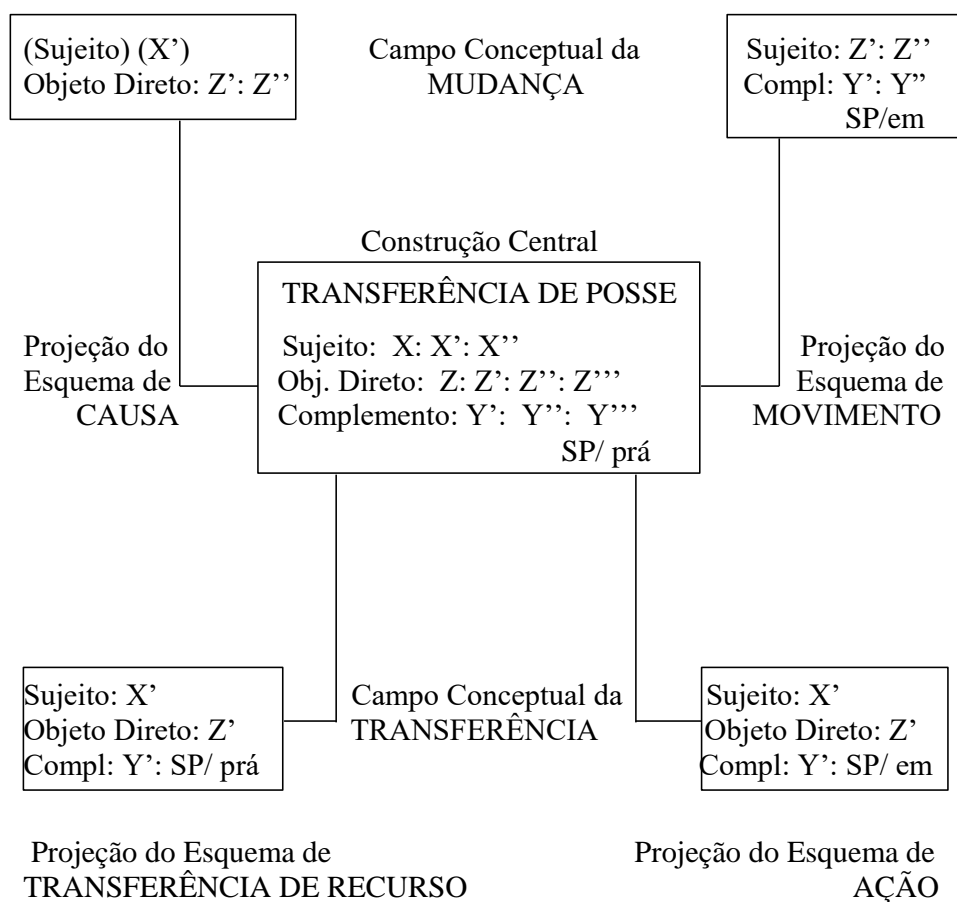
Figura 8

CONSTRUÇÃO DE TRANSFERÊNCIA DE POSSE
Sujeito: X: X': X''
Obj. Direto: Z: Z': Z'': Z'''
Complemento: Y': Y'': Y'''

Em relação à formalização de GOLDBERG 1995, observamos como convergência à correspondência essencial entre Papéis Semânticos (Participantes) e Relações Gramaticais e como diferença o fato de que os Participantes para SALOMÃO são esquematizados em termos das suas Funções nas diversas situações que compõem o Cenário: tais Funções são formalizadas em termos das relações de contraposição, que nos são familiares da Teoria dos Espaços Mentais. Nestes termos, a notação usada por SALOMÃO facilita o tratamento construcional em termos do princípio de Mesclagem.

O núcleo de análise de SALOMÃO é a proposição de *quatro subcentros* para a rede baseada na Transferência de Posse e que teria o formato seguinte:

Figura 9



Como já foi observado, as restrições com que lida SALOMÃO para postular suas relações de motivação/herança são muito menos rigorosas do que aquelas com que trabalha GOLDBERG: a diagramação acima estabelece relações de herança entre sintaxes muito diferentes – o que é expressamente vedado no modelo goldbergiano.

A seguir, recensearemos brevemente cada uma das subredes.

### 3.2.2 – As subredes motivadas

#### 3.2.2.1 – A subrede CAUSAÇÃO

O subsistema CAUSAÇÃO reúne oito construções que têm como seu núcleo, diretamente conectado à construção central a construção de ORIGEM FÍSICA, motivada pelas seguintes metáforas convencionalizadas:

ORIGENS SÃO POSSUIDORES

COISAS ORIGINADAS SÃO OBJETOS POSSUÍDOS (ou PROPRIEDADES)

A construção de ORIGEM FÍSICA é exemplificada abaixo:

(10) (a) *Esta goiabeira dá uma fruta ótima*

(b) *A horta lá de baixo dá taioba sem parar*

A relação POSSUIDOR/POSSUÍDO expressa-se por outras formas lingüísticas.

(11) *As goiabas desta goiabeira*

(12) *Suas goiabas (de goiabeira)*

A motivação independente que se pode encontrar para esta metáfora encontra-se perto de nós aqui na Universidade quando se trata de *direitos autorais* ou de *propriedade intelectual*: o Autor / Produtor / Origem possuir “Aquilo que Produz”...

Há seis outras construções relacionadas ao sistema CAUSAÇÃO através de projeções metafóricas ou compressões metonímicas que, agora, não cuidaremos de detalhar.

- (13) (a) CAUSAÇÃO REMOTA: *Fumar dá câncer*
- (b) CAUSAÇÃO METONÍMICA: *O trabalho deu vinte páginas*
- (c) EXPERIÊNCIA SUBJETIVA: *Comida salgada dá sede*
- (d) AVALIAÇÃO: *A chegada dele vai me dar um problemão*
- (e) APRESENTAÇÃO: *O jornal deu a visita do Papa*
- (f) EXISTENCIAL: *Deu um barulho no portão*
- (g) TEMPO: *Vai dar chuva de tarde*

### 3.2.2.2 – A subrede MOVIMENTO

A postulação desta subrede é a mais complexa sintaticamente – e, possivelmente, a que suscitaria mais controvérsia dentro do modelo presentemente assumido. Talvez se pudesse, nos termos goldbergianos, postular entre a Construção Básica e a Construção de Movimento Físico, que nucleia esta subrede, uma Relação de Subparte – uma vez que a Construção de Movimento, abaixo exemplificada, implica uma diminuição na grade argumental da predicação:

- (14) (a) *O carro deu no muro*
- (b) *As ondas do mar dão na murada da Avenida*
- (c) *A goiabeira dá no telhado*

Outras construções que exemplificam o subsistema MOVIMENTO, conectadas por processos figurativos metafóricos e metonímicos são as seguintes:

- (15) (a) Movimento Fictício: *A janela dá na praça*  
 (b) Movimento Recíproco: *Dei com a perna no portão*  
 (c) Movimento Existencial: *O Antônio deu em médico*

Algumas construções que, na tese, são consideradas vinculadas ao subsistema MOVIMENTO, melhor se integram, na opinião da própria autora de tese, ao subsistema TRANSFERÊNCIA DE RECURSO, tratado na próxima seção.

### 3.2.2.3 – *O subsistema TRANSFERÊNCIA (METAFÓRICA) DE RECURSO*

O subsistema TRANSFERÊNCIA DE RECURSO preserva todo o cenário de TRANSFERÊNCIA DE POSSE, com a diferença que o BEM transferido tem características abstratas (pode ser de natureza afetiva ou cognitiva ou social). Em grandes linhas, trata-se de mais uma instanciação lingüística da famosa Metáfora do Conducto – metáfora convencionalizada, estudada por Michael Reddy em estudo clássico. Exemplificam esta construção:

- (16) (a) *Ele me deu*  $\left\{ \begin{array}{l} \text{uma boa idéia} \\ \text{uma boa ajuda} \end{array} \right\}$  *para o trabalho*  
 (b) *Ele deu uma grande alegria pra todos os seus amigos*  
 (c) *O pai pretende dar mais atenção a seu filho*  
 (d) *Ela me dá uma impressão de irresponsável*  
 (e) *Os médicos o deram por perdido*

Uma variante específica desta construção, que aparece com o Objeto Nulo e Complemento Preposicional em *para*, é representado nos exemplos abaixo:

(17) (a) *Ele dá pra médico*

(b) *Ele deu pra comer salada todos os dias*

Estas duas construções, idiomatizadas, têm ambas ressonâncias gramaticais: a primeira, uma ressonância Modal (Habilitativo), a segunda uma ressonância Aspectual (Habitualidade).

A variante Modal aparece também impessoalizada, naquilo que é, no registro oral, uma das mais freqüentes construções modais no Português do Brasil:

(18) (a) *Dá pra você sair agora?*

(b) *Acho que dá prá ele passar no Vestibular*

A discussão deste complexo subsistema, e especialmente da Construção Modal que a ele se vincula, seria certamente assunto para uma outra investigação.

As inferências “possessivas”, no caso das duas construções são imediatamente reconhecíveis, em exemplos como os seguintes:

(19) (a) *Ele dá prá médico. Tem todas as condições para isso.*

(b) *Ele deu prá comer salada todos os dias. Foi no Vigilantes do Peso que ele adquiriu este hábito.*

### 3.2.2.4 – O subsistema AÇÃO

O subsistema AÇÃO, que projeta um dos esquemas genéricos que constitui o complexo cenário da TRANSFERÊNCIA DE POSSE, apresenta na verdade vestígios dos outros esquemas, especialmente da relação de CAUSA. Uma reanálise do problema possivelmente muito se beneficiaria das recentes investigações sobre *mesclagem*. De todo modo, as metáforas geradoras expressam que AGENTES SÃO PROPRIETÁRIOS DE SUAS AÇÕES e, conseqüentemente, AÇÕES SÃO PROPRIEDADES DOS AGENTES. (Nestes termos é que as pessoas são responsabilizadas por *seus crimes*, ou festejadas *por suas boas ações*).

O Objeto Direto de Construção cobre uma gama de Ações bastante ampla, envolvendo esforço físico, atos de fala, intervenções sociais, todas situações que envolvem desejo e controle.

(20) (a) *O Diretor deu uma suspensão no aluno*

(b) *Romário deu um belo chute na trave*

(c) *Ele me deu um tapa  
um beijo / um abraço, etc*

A Construção de Ação é imensamente produtiva e sustenta, como é óbvio, um caráter agentivo.

#### 3.2.2.4.1- *Um desenvolvimento especial*

Dentro do subsistema de Ação destaca-se pela sua produtividade no contemporâneo Português do Brasil a construção de Ação Nominalizada, abaixo exemplificada:

- (21) (a) *Ele deu uma andada pela casa*  
 (b) *Gosto de dar uma dormidinha depois do almoço*  
 (c) *O professor deu uma lida no meu trabalho*  
 (d) *Vou dar uma escaneada nestes gráficos*

Tal construção, caracterizada formalmente como  $(Suj) dar+uma+[V+da]_N(SP)$ , é apenas identificada na tese de SALOMÃO – que assinala sua produtividade e seus mistérios: quais as restrições a sua instanciação? Por que a Nominalização, que alcança verbos transitivos e intransitivos, é um Nome no feminino? O sufixo  $+da$  marca uma origem participial? Como caracterizar a semântica (de claro teor aspectual) desta construção?

O trabalho estava por ser feito e é, de fato, a matéria desta tese.

O que se conclui da análise de SALOMÃO é que a Construção é *motivada*, através de várias conexões intermediárias, pela construção básica de Transferência de Posse e, nesta condição, vincula-se à grande rede polissêmica constituída pelas construções com *dar*.

### 3.3 – Elementos de uma análise gerativista

Como anunciamos, não é o caso de procedermos, aqui, a uma discussão crítica aprofundada da análise de SCHER 2004, apresentada resumidamente em SCHER 2003 – porque isso nos levaria a uma exposição detalhada não só do Programa Minimalista, mas especialmente da hipótese sobre a Morfologia Distribuída. Não podemos, entretanto, a bem de honestidade intelectual, deixarmos de identificar as suas descobertas, inclusive no propósito de compará-la às nossas.



O primeiro ponto, fortemente distintivo da análise de SCHER, é o tratamento de *dar como verbo leve* na construção *dar + uma + X-da (SP)*. A definição de *verbo leve*, introduzida por JERPERSEN e, em seus termos, mantida na literatura, inclui os seguintes pontos:

- (i) o verbo é tematicamente vazio,
- (ii) é marcado para pessoa e tempo e
- (iii) é associado a um elemento nominal, do qual importa a grade temática.

Assim sendo, o verbo *dar* nos usos seguintes (22) (a) e (b) se caracterizaria como *verbo leve* já que parafraseável em (22) (c), com idêntica grade temática:

- (22) (a) *Paulo deu um empurrão no poste*
- (b) *Paulo deu uma empurrada no poste*
- (c) *Paulo empurrou a porta*

É fato que (a), (b) e (c) apresentam os mesmos Participantes no evento (para usarmos terminologia compatível com a gramática das construções): há um EMPURRADOR e um OBJETO EMPURRADO, irrespectivamente de o verbo principal ser o verbo *dar* ou o verbo *empurrar*. Obviamente, a significação das tais enunciações não é a mesma, mas o ponto que SCHER sustenta (e sustenta com êxito) é que a grade temática da Construção do verbo *dar* com a Nominalização é totalmente diferente da construção canônica, com o *dar* ditransitivo.

Daí sua primeira asserção analítica: a de que a Construção de *dar* com Nominalização é totalmente distinta de, e a rigor irredutível à,

Construção de Transferência de Posse. Neste ponto, SCHER se diferencia da outra análise gerativa, proposta por BASÍLIO et. al. em 1994, segundo a qual a construção *dar + nome* (como em *deu um grito, deu um susto, deu bronca, deu pulos, dar início*) deveria ser analisada como reminescente de Construção de Transferência de Posse (da qual importaria noções como Causação, Movimento, Animação e Afetação). Esta análise, que, embora para um escopo fenomênico mais limitado de algum modo converge com a de SALOMÃO, é afastada por SCHER como envolvendo condições muito diferentes da *Construção de Nominalização com +da* (em *dar uma varrida na casa* ou *dar uma olhada no nenê*) (cf. SCHER 2003: 211-12).

A segunda importante asserção de SCHER é que a *Construção com +da* não é idiomática, tendo em vista sua elevada produtividade - ocorrendo inclusive com neologismos ou empréstimos, como, por exemplo, em *deu uma esnobada em todo mundo* ou *deu uma deletada nos arquivos*. Ao assumir esta postura, em que trabalha com uma concepção estreita de idiomaticidade (reconhecível apenas em expressões como *dar com os burros n'água* ou *dar um nó na garganta*), SCHER afasta-se de outros estudiosos que ela própria cita, tais como Campbell, que investigando situação comparável em Inglês, propõe que expressões com *give* leve do Inglês sejam “um tipo especial de expressões idiomáticas” (SCHER, 2003:210).

A mais interessante contribuição de SCHER encontra-se na descrição semântica desta construção (especialmente em SCHER 2004:98-131); resumindo uma análise bastante complexa, a autora postula que a *construção do verbo leve dar com Nominalização em +da* introduz uma *acepção aspectual durativa* de eventualidade designada nominalmente; em acréscimo, esta duração se distinguiria semanticamente *por ser*

*diminutizada*. Deste modo, as sentenças (22) se diferenciariam, porque (22) (b) convidaria à inferência de que a ação evocada não se completou (por exemplo, a porta empurrada não se abriu), ou ainda que a ação evocada foi praticada com pouco vigor (em contraste, por exemplo, com *dar um empurrão*), ou por um breve período.

Esta diminutivização é encontrada por SCHER na literatura que trata construções comparáveis em outras línguas – em especial na análise de Diesing para o Iídiche (SCHER 2004: 102-3). Sumariando, seus efeitos seriam os seguintes:

- (a) predicados atélicos tornam-se télicos e breves (e.g. *Ele deu uma acariciada no gato*)
- (b) se o predicado atélico for serial, a diminutivização, resultará em interpretação semelfactiva, i.e., ação de um tempo só (e. g. *O neném deu uma tossida*).
- (c) se o predicado atélico for não-serial, a duração do evento é truncada, diminutivizada e a interpretação será a *de um pouquinho* (e. g. *O neném deu uma brincada no quintal*).
- (d) se o predicado for télico, o efeito diminutivizador pode ter o efeito de acréscimo de velocidade de ação (e.g. *Max deu uma memorizada no texto (em apenas dez minutos)*).

Compatível com esta alteração semântica de predicação principal é a freqüência com que a Nominalização aparece associada ao sufixo *+inha*, de Diminutivo.

- (23) (a) *Ele deu uma empurradinha na porta*  
 (b) *Vou dar uma dormidinha depois do almoço*  
 (c) *Você pode dar uma lidinha neste texto?*

Também é importante observar que a introdução desta acepção aspectual (*Duração Diminutivizada*) impõe restrições à classe de virtuais Nominalizações ocorrentes com *+da* neste contexto: predicadores estativos ou intrinsecamente télicos vêm-se excluídos de participar desta construção, como ilustrado respectivamente pela agramaticalidade de (24) (a) e (b):

- (24) (a) *\*Dei uma **sentida de frio** hoje pela manhã*  
 (b) *\*O cachorro sem dono deu uma **morrida***

A análise de SCHER 2003, 2004 é muito sensível às peculiaridades da construção e constitui uma boa descrição dela. Pontos a ressaltar na seqüência de nossa discussão é sua convergência com a abordagem construcional – na medida em que também defende uma compreensão não homonímica das várias predicções com *dar* e o tratamento da seqüência sintática considerada como uma unidade semântica específica. De outro lado, também a ressaltar é a insistência gerativista/minimalista de “fazer a semântica na sintaxe”, afinal o único componente gerativo de linguagem. Não obstante, o tratamento produzido é uma valiosa contribuição com a qual podemos dialogar.

## ***4 – Mesclagem, idiomatidade e gramaticalização: uma outra proposta explicativa***

### *4.1 – Quadro hipotético*

A análise que se segue assume como pressuposto geral a hipótese sociocognitiva sobre a linguagem, tal como exposta no segundo capítulo desta dissertação:

Além disso, assume as seguintes hipóteses específicas:

I. A composição morfossintática *dar uma X+da (SP)*, associada à aceção aspectual de Duração Diminutiva, constitui uma Construção no Português do Brasil.

II. Nas condições, isto é, com a mesma semântica, postula-se que esta composição morfossintática seja considerada uma *regra-l*, nos termos de JACKENDOFF 2002.

III. Tal Construção é uma *predicação complexa, motivada conceptualmente* pela sua pertinência à *grande rede construcional* com *dar*, que tem a Construção de Transferência de Posse como instância básica.

IV. A Construção corresponde a uma *idiomatização particular* através da qual referida aceção aspectual obtém uma *expressão gramaticalizada*.

V. O processo de motivação conceptual, a partir do qual se estabelece a predicação complexa, presume a operatividade do princípio cognitivo de *mesclagem*.

#### 4.2 – *Análise morfossintática*

A composição morfossintática *dar uma X+da (SP)* diferencia-se, claramente, em sua valência, da construção ditransitiva, postulada como instância básica.

Em primeiro lugar o Objeto é sempre uma Nominalização precedida do Determinante Indefinido *uma*. Em contraposição, o Objeto Direto da construção básica é muito menos especificado sintaticamente: isto é, pode ou não ser precedido de Determinante (e.g. *Papai Noel deu presente prá todo mundo*). Além disso, na construção básica o Determinante é variável (e.g. *Dei o meu velho toca-discos prá minha irmã; Dei dois CDs para o Antônio*, etc). Os exemplos também ilustram que o Núcleo Nominal do Objeto na construção básica admite uma diversidade de realizações lexicais: Nomes primitivos, compostos por justaposição, acrônimos, etc.

O Determinante Indefinido, entretanto, apesar da vastíssima predominância da realização com *uma*, admite uma variação Numeral na Construção com *+da*.

- (25) (a) *O Antônio deu **três** buzinas no portão*  
 (b) *Ele deu **duas** piscadas de farol*  
 (c) *Ele deu **mais uma** batida com o carro*

A Nominalização, por sua vez, apesar da freqüente incidência *deverbal*, pode ser também *denominal*. Abaixo exemplificaremos formações deverbais, de valência variável, e formações denominais:

(26) (a) *Deu uma **chovida** de tarde* (**predicação de zero lugares:** impessoal)

(b) *A mãe deu uma **saída** de tarde* (**predicação de um lugar:** inergativo)

(c) *A flor deu uma **murchada*** (**predicação de um lugar:** inacusativo)

(d) *O marceneiro deu uma **lixada** no móvel* (**predicação de dois lugares:** transitivo agentivo)

(e) *O decote deu uma **valorizada** na blusa* (**predicação de dois lugares:** transitivo instrumental)

(f) *Ele deu uma **pensada** no assunto* (**predicação de dois lugares:** transitivo experiencial)

(g) *O homem deu uma paulada no ladrão* (**denominal**)

(h) *Guga deu uma raquetada com força na bola* (**denominal**)

(i) *A mãe deu uma chinelada na criança* (**denominal**)

(j) *Ela deu uma cotovelada no armário* (**denominal**)

No caso das formações deverbais (26) (a-f), a grade temática da predicação nominalizada é importada para a sentença com *dar* – razão pela qual deve-se falar nestes casos de uma *predicação complexa* (cf. aponta SCHER, citada no cap. anterior).

No caso das formações denominais (26) (g-j), a grade temática é sempre a mesma: Agente/Paciente em todos os casos. Voltaremos a discutir este assunto nas próximas seções.

A Nominalização com *+da* tem sido estudada por lexicógrafos e morfologistas e, a seu respeito, cabe fazer as seguintes observações:

(i) O sufixo é *+da* e não *+ada*, como em alguns lugares se registra: considere-se *deu uma lavada nos pratos, deu uma mexida no arroz, deu uma sumida lá de casa*; os exemplos demonstram com clareza a variação da vogal temática (em *lav+a+r, mex+e+r* e *sum+i+r*).

(ii) O sufixo se diferencia de seus homônimos em *bananada* ou *panelada*, exemplificados em *Comi uma deliciosa bananada, Tem a maior panelada pra lavar*. Como observa WLODEK 2003/1, a origem do nosso *+da* é claramente *participial*:

“(...) alguns participípios foram transformados em substantivos plenos, o que se verifica nas formas femininas tomada, entrada, saída, comida, bebida, ida, virada. Nestes casos, a terminação feminina do participípio transformou-se num sufixo nominal formador de Substantivos femininos que, em princípio, denotam os mesmos processos (ou o resultado destes) representados pelos verbos correspondentes.”

Este processo de formação lexical (por extensão metonímica) é, de fato, muito produtivo – como a mostram formas contemporâneas como *pegadinha, cantada* ou *fechada (no trânsito)*. Por que razão esta especialização semântica escolheu para expressar-se a forma feminina do participípio deve ser objeto de outra investigação.

O último elemento formante desta predicação complexa é o SP, obrigatório ou opcional conforme a subcategorização do lexema originário.



No caso dos deverbais transitivos, exemplos (27) (a-c), o SP é obrigatório, nucleado pela preposição *em*:

- (27) (a) *Deu uma mexida no arroz*
- (b) *Deu uma pensada no assunto*
- (c) *Deu uma olhadinha na tese*
- (d) *Deu uma mudada no visual*

A mesma situação vale para os denominais, cuja grade temática coincide com os transitivos agentivos:

- (28) (a) *Deu uma paulada na cobra*
- (b) *Deu uma martelada na parede*

Os deverbais originários de formas verbais complementizadas preposicionalmente herdam no SP a subcategorização originária:

- (29) (a) *Deu uma ligada prá Universidade*
- (b) *Deu uma conversada com o pessoal*
- (c) *Deu uma chegada no cinema*

SCHER 2004:92 anota que mesmo deverbais transitivos se complementizam com a preposição *de* quando a interpretação pretendida é genérica:

- (30) (a) *Vou dar uma lavada de roupa*
- (b) *Romário deu uma quebrada de corpo*

### 4.3 – Análise semântica

#### 4.3.1 – Avaliação panorâmica

No capítulo anterior recenseamos duas propostas de análise semântica que vão balizar a solução que sugeriremos – a saber, os trabalhos de SALOMÃO 1990 e de SCHER 2003, 2004.

A análise de SALOMÃO, apesar de sua ambição e abrangência, deixa de focalizar especificamente a construção que aqui estudamos – apenas a identifica. Já a análise de SCHER, extremamente minuciosa e detalhada, deixa diversas perguntas sem resposta:

(i) por que o verbo leve usado na construção é o verbo *dar*? Por que não outro verbo leve como *fazer* ou *levar*?

(ii) por que as acepções gramaticalizadas/idiomatizadas serão as esquematizações conceptuais de DURAÇÃO e DIMINUTIVIZAÇÃO?

Dado o enfoque teórico escolhido por SCHER, tais questões não são jamais consideradas; isto é, não é que tenham sido negligenciadas; a rigor, dentro daquele enfoque nem são pertinentes. Mais uma vez, aprendemos com Saussure que é “o ponto de vista que faz o objeto...”

Na nossa perspectiva, entretanto, que hipostasia a natureza simbólica de gramática, tais perguntas constituem questões geradoras. Nestes termos, buscaremos avançar além das duas análises: incorporando a descrição de SCHER, lançaremos mão das grandes generalizações defendidas por

SALOMÃO para propor sua rede construcional e, assim, esperamos obter uma explicação mais satisfatória.

#### 4.3.2 – A ontologia do Evento como Propriedade

Para nós não é casual que uma perífrase aspectual seja engendrada lançando mão do verbo *dar*. Nos termos de SALOMÃO 1990:220 e seg., *a ontologia dos Eventos logra expressão figurativa nas línguas do mundo quando quer que não esteja cristalizada morfológicamente*: por exemplo, em Português, a distinção Perfectivo/Imperfectivo obtém expressão morfológica específica nas formas gramaticalizadas do *Imperfeito do Indicativo* versus *Perfeito do Indicativo*, variáveis conforme a raiz verbal se classifica como *1<sup>a</sup>* versus *2<sup>a</sup>/3<sup>a</sup>* *conjugações*. Nestes casos, não se pode falar de motivação conceptual das formas, já que nos termos de HOPPER e TRAUGOTT 1993; 2003, a representação motivada terá passado por um completo processo de *erosão*, cujo estágio final é a expressão morfológica sufixal.

Não é o caso entretanto das diversas perífrases expressivas do Progressivo em Português, formadas com Auxiliares que são, todos eles, originalmente *predicadores espaciais/ de movimento*.

- (31) (a) *Estou cantando (enquanto escrevo)*  
(b) *Fui cantando (por todo o caminho)*  
(c) *Vim cantando (desde que entrei no carro)*  
(d) *Saí cantando (assim que ouvi a música)*

Tais perífrases resultam da representação metafórica do *Evento como Movimento* (e do *Movimento como Mudança*), metáforas convencionalizadas, extensivamente estudadas pelos estudiosos originais das metáforas – LAKOFF & JOHNSON 1981; 1999, e também reconhecidas nos estudos de SALOMÃO 1990 e de GOLDBERG 1995 em termos da lincagem por herança nas suas respectivas redes construcionais.

Tais metáforas, não gramaticalizadas, justificam o complexo narrativo das expressões abaixo:

- (32) (a) *Entrei na maior depressão. Ele me pôs na maior depressão*  
 (b) *Passei um sufoco que eu nem te conto*  
 (c) *Estou num sufoco que nem te conto*  
 (d) *Felizmente, eu saí dessa*

A exemplificação é auto-explicativa e pode ser replicada innumeravelmente: a idéia é que *ESTADOS SÃO LUGARES, MUDAR É INGRESSAR NUM LUGAR / SAIR DESTE LUGAR*. Temos então, a *Ontologia dos Eventos como Movimento* presente em uma enorme quantidade de expressões perifrásticas de Aspecto nas línguas do mundo. (Vide recensões por SALOMÃO 1990:155-164 de inúmeros estudiosos tipologistas do Aspecto, com destaque para COMRIE 1977).

Igualmente importante, embora menos reconhecida é a *Ontologia do Evento como Propriedade*, expressável em outro complexo narrativo, que, a seguir, representamos:

- (33) (a) *Aula me dá sono*  
 (b) *Tenho sempre sono (nas aulas)*

- (c) *Estou com sono*
- (d) *Perdi o sono*
- (e) *A preocupação me tirou o sono*

A “narrativa” acima, também remanescente da tese de SALOMÃO, expressa outra grande esquematização eventiva:

- (34) (a) *O ESTADO INICIAL RESULTA DE UMA DOAÇÃO/ O ESTADO INICIAL É UM GANHO DO SUJEITO*
- (b) *ESTADOS SÃO PROPRIEDADES DO SUJEITO*
- (c) *O FIM DA SITUAÇÃO É A PERDA (CAUSADA OU NÃO) DA PROPRIEDADE DO SUJEITO*

Este complexo metafórico, imensamente produtivo na contemporânea expressão do Português do Brasil – que tem a INCEPÇÃO COMO GANHO e a CESSAÇÃO COMO PERDA – é a grande justificativa para que se use o “verbo leve” para compor uma expressão aspectual. Voltaremos ao caso de nossa específica predicação complexa nas próximas seções.

De todo modo, toda a literatura trata a experiência de APROPRIAÇÃO / POSSE FÍSICA como experiencialmente originária; não é surpreendente, portanto, que a *Ontologia da Posse/da Propriedade* seja amplamente motivadora da expressão gramatical. Basta lembrar a freqüência do uso do verbo *ter/have/avoir* nas línguas indo-européias como Auxiliar; e basta lembrar, também, que, nestes usos a predicação principal sempre ocorre no Participípio:

- (35) (a) ***Tenho estes livros lidos***  
 (b) ***Tenho lido todos estes livros***  
 (c) ***Tem chovido demais este mês***

A expressão aspectual do Perfeito com *ter+Particípio* é, certamente uma pista relevante para nosso estudo da expressão aspectual com *dar+Nominalização Participial*.

#### 4.3.3 – A acepção aspectual da Duração Diminutiva

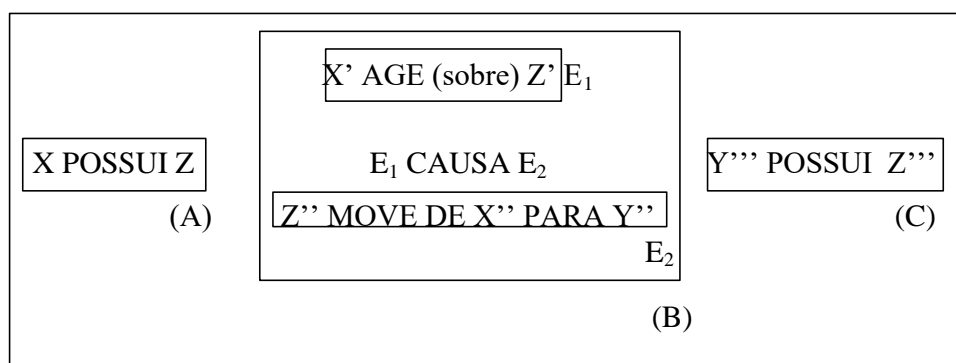
Consideremos as tríades mínimas (36) e (37):

- (36) (a) *Choveu ontem*  
 (b) *Deu (uma) chuva ontem*  
 (c) *Deu uma chovida ontem*
- (37) (a) *Romário chutou a bola*  
 (b) *Romário deu um chute na bola*  
 (c) *Romário deu uma chutada na bola*

Há uma diferença semântica clara entre as representações eventivas que usam a predicação verbal ou as predicações nominalizadas com *dar*: no caso da predicação verbal, é claro o foco no Evento; no caso das predicações nominalizadas, o *Evento é focalizado como Resultado de uma Causa*. Tanto SALOMÃO como SCHER chegam à mesma conclusão: SCHER apenas assinala o fato; SALOMÃO o trata como herança do esquema básico da Doação. De todo modo, o Evento nominalizado é, por força desta situação, destemporalizado; o Tempo e a Pessoa são marcados na Predicação Verbal *dar*.

No caso do contraste entre (b) e (c) nas duas tríades, SCHER postula que (c) tenha *como elemento agregado a noção de Duração Diminutiva*, fato que SALOMÃO não chega a considerar. Tendo em vista, entretanto; que tanto em (b) como em (c) seja possível reconhecer o esquema genérico de Causação, provável importação do cenário conceptual básico, qual elemento deste mesmo cenário poderia justificar para a Construção com Nominalização Participial a acepção aspectual de Duração (Diminutiva)?

Para facilidade da exposição, reproduzimos o esquema de Construção básica de Doação/ Transferência de Posse apresentada na seção 3.2:



SALOMÃO propõe que Construções como *dar um chute / um beijo / pulos / início* etc seja tratada como Construção de Ação, com a importação dos esquemas conceptuais de *Ação* [X'' AGE (SOBRE) Z''] e de *Causa* E<sub>1</sub> CAUSA E<sub>2</sub>. Aparentemente, sua percepção converge com a de SCHER, embora SCHER não se proponha a examinar a projeção figurativa motivadora desta expressão.

No caso da Construção com Nominalização Participial, podemos propor que, além da importação dos esquemas conceptuais de Ação e Causa, *tenhamos também a importação do esquema de Movimento* [Z''

MOVE DE X'' PARA Y''], incorporado através da expressão metonímica do evento Nominalizado pelo Sufixo Participial. Se não vejamos: TRANSFERÊNCIA envolve metonimicamente TRAJETÓRIA; TRAJETÓRIA é uma metáfora convencionalizada de DURAÇÃO (e.g. *A aula é das nove às onze*). Daí porque seja possível dizer *Vou dar uma dormidinha de meia hora* ou *Vou dar uma descansada de uma às duas*.

Tal hipótese se sustenta também pelo fato de a Nominalização ser Participial: *Participios são eventos completados, cujo foco está no seu limite final* (cf. LANGACKER 1987:221-22, por exemplo). Daí que a Eventualidade, enquadrada como Resultado de uma Causa, seja também concebida em termos de *seu desbotamento em fases, até o estágio final*. Eis a diferença motivada entre *dar um empurrão* e *dar uma empurrada no carrinho*, de que nos fala SCHER 2004:116, sem jamais atinar para a composicionalidade motivada desta última expressão.

A acepção aspectual de Duração (Diminutiva) resultaria, portanto, da importação dos Esquemas Genéricos de *Causação* (Doação como Incepção) e de *Movimento* (Transferência como Trajetória), procedentes do Cenário Básico de Transferência de Posse. Tal motivação conceptual cristalizada explicaria então uso do “verbo leve” *dar* e da Nominalização Participial na perífrase especializada para esta expressão aspectual. Poderíamos então dizer que os “papéis aspectuais”, diferentemente dos “papéis temáticos” (que procederiam da predicação Nominalizada), seriam, então, *explicáveis como herança da rede construcional com dar*.



#### 4.4 – A Construção de Duração Diminutiva

Como ficou dito, estamos aqui liberalmente “mesclando” os trabalhos de SALOMÃO 1990 e SCHER 2003; 2004 para propor uma análise nova, que julgamos mais completa e satisfatória. Levando em conta as análises morfosintática e semântica que, neste capítulo apresentamos e, tomando o conceito de construção como par forma/sentido, que procede dos estudos da tradição sociocognitiva, propomos, agora, a seguinte análise para a formação *dar uma X+da(SP)* na acepção de Duração Diminutizada:

Figura 10

#### CONSTRUÇÃO DE DURAÇÃO DIMINUTIVA

Sm	Sm	Sx
(CAUSADOR)	(PARTICIPANTE <sub>1,2</sub> )	Sujeito
PREDICAÇÃO <sub>1</sub>		<i>dar</i> <i>uma</i>
EVENTO CAUSADO	PREDICAÇÃO <sub>2</sub>	Nominalização Participial
(ALVO)	PARTICIPANTE <sub>2,2</sub>	(SP)

A presente matriz constitui a mesclagem de três domínios: a terceira coluna representa o *esquema sintático*, que não é consistentemente expreso em termos das Funções Sintáticas canônicas porque a *Nominalização Participial* não é um *Objeto Direto* pleno. (Não é, por exemplo, apassivável como se nota pela estranheza da expressão *\*Uma andata eu dei hoje de manhã*).

A segunda coluna da matriz contribui com o *esquema conceptual do Evento* apresentado como a *Nominalização Participial*: sua grade de

Participantes se fundirá à grade argumental da Construção, que procede da predicação com *dar*.

A grade argumental da Construção, conceptualmente “desbotada” (*bleached*), é uma herança dos Esquemas Genérico de *Causação* (*Causador/Evento Causado*) e *Movimento* (*Alvo*) e responde pelo aporte da ontologização específica, correspondente à acepção aspectual convencionalizada.

A mesclagem aqui prefigurada consiste *na compressão sintático-semântica de dois eventos*, o Causador e o Causado, que contribuem ambos com suas grades de Participantes; a grade do Evento Causador aparece conceptualmente desbotada e gramaticalizada na forma dos “papéis aspectuais” operativos e a grade do Evento Causado é semanticamente mais transparente, razão pela qual pode ser reivindicada como *grade temática* da predicação “principal”.

Há um último ponto a considerar, mais como questão a ser futuramente investigada do que como decisão analítica: haverá de fato uma única construção *dar uma X+da (SP)*, independentemente de a Nominalização ser denominal ou deverbal?

Como já comentamos na seção 4.2, as formações deverbais contribuem com sua própria grade temática, e, inclusive, com sua própria subcategorização; já as formações denominais **importam tudo da Construção**. Seria possível, então, postular que a versão denominal seja, por sua vez, motivada pela versão deverbal, ou alternativamente, seria também possível postular que a versão denominal é uma correspondência da Construção de Ação (*dar chute, dar beijo, dar início*) para os casos em

que falta uma lexicalização pré-disponível. À falta de melhor condição de argumentação para escolher entre estas duas hipóteses, apenas assinalamos o problema e adiamos sua solução.

## 5 – Conclusão

Apresentamos, no último capítulo, nossa análise da Construção *dar uma X+da (SP)*, que se beneficia dos trabalhos anteriores de SALOMÃO e SCHER mas deles se distancia substancialmente.

Em distinção ao estudo de SCHER, postulamos que as seqüências de formantes consideradas sejam de fato uma *Construção do Português do Brasil*: isto é, uma formação simbólica que pareia forma e sentido de modo convencional e cristalizado.

Nestes termos, a *expressão é idiomática*, contrariamente ao que postula SCHER. Como esta autora converge conosco em determinar a *regularidade semântica* desta construção e sua *elevadíssima produtividade*, (sujeita, entretanto, a claras restrições semânticas), entendemos que a divergência, no caso, é terminológica. SCHER só analisa como idiomáticas expressões fechadas quanto à especificação lexical; no caso, como a construção é absolutamente acessível a preenchimentos lexicais, inclusive com neologismos, a autora deixa de reconhecer sua idiomaticidade. Nós, como praticamos esta classificação como mais largueza, reconhecendo como idiomática toda *motivação composicional que esteja convencionalizada*, não temos dúvida quanto à idiomaticidade da Construção.

Outro ponto importante a destacar é que a idiomaticidade que contemplamos corresponde à *gramaticalização da acepção aspectual de Duração Diminutiva*. SCHER reconhece este fenômeno, do qual oferece pormenorizada descrição, mas jamais enfrenta o problema da própria expressão lingüística desta aspectualidade: por que o “verbo leve” *dar*? Por

que a *Nominalização Participial*? De nosso ponto de vista, a acepção aspectual produzida é motivada figurativamente a partir da *Ontologia do Evento como Propriedade* e, então, representada por esta específica expressão. Obviamente o padrão conceptual motivador (o complexo esquema de Transferência de Posse) só é reconhecível “desbotadamente”: mas isto é absolutamente preditível, considerada a literatura sobre gramaticalização.

Em contraposição a SALOMÃO, entendemos que os esquemas conceptuais migrados na mescla e que originam a perífrase aspectual, estejam *presentes como motivação remota e não como herança na rede*. De fato, concordamos que a melhor análise da Construção não pode deixar de identificar os esquemas genéricos de *Causa e Movimento* - essenciais para a derivação da acepção aspectual de DURAÇÃO DO EVENTO RESULTANTE – os quais procedem do *Cenário Conceptual da Doação*. Esta é, entretanto, uma reminiscência diacrônica, justificadora da expressão lingüística com o Verbo *dar* e com a Nominalização Participial mas não operativa para o cálculo do significado. O significado, de fato, está idiomatizado e nestes termos precisa ser tratado.

Por esta razão é pertinente lembrar aqui o *modelo da arquitetura paralela* que prevê a correspondência/interface entre sintaxe e semântica, sem tomar nenhum destes dois domínios da organização estrutural da linguagem como *gerados derivacionalmente*. O tipo de análise cognitivista praticada por SALOMÃO em 1990, de clara inspiração lakoffiana, paga um pedágio muito caro à hipótese historicamente anterior da semântica gerativa. A análise que aqui postulamos satisfaz a definição da Construção *dar uma X+da (SP)* como um idioma sintático, ou seja, como *regra-l* (nos termos jackendoffianos).

A mesclagem de múltiplos escopos (por compressão) que motiva esta construção oferece uma interessante *hipótese de pesquisa aos estudos diacrônico sobre o Português*, em especial para elucidar um mistério remanescente: a acepção aspectual de Duração é consistentemente explicada em nossa análise. Como justificar, entretanto, a agregada acepção Diminutiva? Seria possível falar da *convencionalização de uma implicatura*, produzida metonimicamente a partir do uso da expressão Participial (que sempre enquadra o Evento numa perspectiva póstuma e, por isso, atenuante e abreviadora)!!?

Não temos elementos, neste momento, para perseguir esta questão, mas afinal, neste ponto a que chegamos, encerra-se o texto: não acaba a Lingüística. Esperamos, a partir daqui, e em outras condições, voltar a pensar sobre estas perguntas.

## *Apêndice*

Exemplos de *Construção de Duração Diminutiva* extraídos de conversação espontânea, entrevistas e textos escritos:

Verbo	<i>Construção de Duração Diminutiva (deverbal)</i>
1. Beijar	O motorista embriagado deu <i>uma beijada</i> no poste
2. Socar	Ele deu <i>uma socada</i> nas roupas da sacola
3. Chutar	O jovem deu <i>uma chutada</i> nas pedras
4. Abraçar	O jovem, meio sem graça, deu <i>uma abraçada</i> na garota
5. Cochilar	A mulher cansada deu <i>uma cochilada</i> no sofá
6. Cortar	A cozinheira deu <i>uma cortada</i> nos legumes
7. Perguntar	Ele deu <i>uma perguntada</i> sobre o assunto
8. Passear	Ele deu <i>uma passeada</i> no sítio
9. Descansar	A família deu <i>uma descansada</i> no final de semana
10. Responder	O aluno deu <i>uma respondida</i> nas questões
11. Treinar	O instrutor deu <i>uma treinada</i> nos iniciante
12. Controlar	O chefe deu <i>uma controlada</i> na situação
13. Esbarrar	O homem deu <i>uma esbarrada</i> na mulher
14. Estapear	A garota deu <i>uma estapeada</i> nas colegas de turma
15. Esmurrar	O homem deu <i>uma esmurrada</i> na porta
16. Refrescar	Ele deu <i>uma refrescada</i> no bar
17. Pesquisar	O aluno deu <i>uma pesquisada</i> no material
18. Testar	O mecânico deu <i>uma testada</i> motor
19. Resumir	O autor deu <i>uma resumida</i> no artigo
20. Pentear	O garoto deu <i>uma penteada</i> no cabelo

21. Filmar	Ela deu <i>uma filmada</i> na festa da sobrinha
22. Telefonar	Ela deu <i>uma telefonada</i> para a empresa
23. Olhar	Durante a viagem, a vizinha deu <i>uma olhada</i> na casa
24. Travar	Ele deu <i>uma travada</i> na porta
25. Misturar	A mãe deu <i>uma misturada</i> na comida
26. Escolher	A menina deu <i>uma escolhida</i> nas roupas
27. Lixar	O marceneiro deu <i>uma lixada</i> no móvel antigo
28. Fumar	Ele deu <i>uma fumada</i> no corredor
29. Namorar	Ele deu <i>uma namorada</i> no sábado
30. Acariciar	O tratador deu <i>uma acariciada</i> nos animais
31. Alvejar	A lavadeira deu <i>uma alvejada</i> nas roupas
32. Arrumar	Ela deu <i>uma arrumada</i> no armário
33. Caminhar	O jovem deu <i>uma caminhada</i> pela rua
34. Carregar	O mecânico deu <i>uma carregada</i> nas baterias
35. Comentar	Os vizinhos deram <i>uma comentada</i> no assunto
36. Correr	O atleta deu <i>uma corrida</i> pela rua
37. Colorir	O artesão deu <i>uma colorida</i> nas peças
38. Corrigir	O professor deu <i>uma corrigida</i> nos trabalhos
39. Cozinhar	Ela deu <i>uma cozinhada</i> nos ingredientes
40. Catar	Ela deu <i>uma catada</i> no arroz
41. Deitar	Ela deu <i>uma deitada</i> depois do almoço
42. Descongelar	A cozinheira deu <i>uma descongelada</i> nos alimentos
43. Decorar	A jovem deu <i>uma decorada</i> no quarto
44. Encerar	A faxineira deu <i>uma encerada</i> na sala de visitas
45. Enrolar	Ela deu <i>uma enrolada</i> na entrega do trabalho
46. Esfregar	Ele deu <i>uma esfregada</i> nas roupas pesadas
47. Esclarecer	Ele deu <i>uma esclarecida</i> no assunto
48. Espairar	Ele deu <i>uma esparecida</i> no parque
49. Esquentar	Ela deu <i>uma esquentada</i> na comida
50. Estabelecer	Os agentes deram <i>uma estabelecida</i> nos objetivos



## BIBLIOGRAFIA

- BASÍLIO et.al. **Expressões DAR+SN: um estudo de representação lexical**. In: Encontro da ASSEL-RJ, 3. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- BUENO, Silveira. **A formação histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1967.
- COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1995.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, G. & TURNER M. **The way we think**. New York: Basic Book, 2002.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In E. BACH & R. HARMS (eds). **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston. 1968.
- \_\_\_\_\_. The case for reopened. In: COLE, P. (ed) **Syntax and semantics 8: Grammatical Relations**. New York: Academic Press, 1977.
- \_\_\_\_\_. Innocence: a second idealization for linguistics. **Proceedings of the Fifth Berkeley Linguistics Society**. 1979.

\_\_\_\_\_. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed). *Linguistics in the Mornig Calm*. Seoul: Hanshin, 1982. Pp 111-38.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

JACKENDOFF. R. On belief contexts. **Linguistics Inquiry 6.1**. In: Fauconnier, G. 1994. p.12-14.

\_\_\_\_\_. **The architecture of the language faculty**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1997.

JACKENDOFF. R. **Foundations of language**. New York: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G. 1987. **Woman, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. & M. JOHNSON. **Metaphors we live by**. The University of Chicago Press, 1980. [2002]

\_\_\_\_\_. & \_\_\_\_\_. **Philosophy in the flesh**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive linguistics**, v.I. Stanford, Ca: Stanford University Press, 1987. p.221-22.

MANDELBLIT, N. **Grammatical blending: creative and schematic aspects in language processing and translation.** Ph.D. Dissertation. University of California, San Diego, 1997.

MARCUSCHI, L. A. & SALOMÃO, M.M.M. Introdução. In: **Introdução à Lingüística – fundamentos epistemológicos.** Cortez: São Paulo, 2004, pp. 13-26.

MATEUS, M. H. M. et. al. **Gramática da Língua Portuguesa.** Lisboa: Caminho, 1989.

MIRANDA, N. S. Domínios e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. **Veredas**, Juiz de Fora, V.1. n.4, p81-95, 1999 – Jan/Jul .

\_\_\_\_\_. **A configuração da arena comunicativa no discurso institucional: professores versus professores.** Tese de Doutorado apresentada ao programa de educação da UFMG, 2000.

SALOMÃO, M. M. M. **Polysemy, aspect and modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar.** UC Berkeley, 1990.

\_\_\_\_\_. **Estruturas argumentais no Português do Brasil: uma explicação sociocognitiva das relações gramaticais.** Juiz de Fora: UFJF/UFRJ (Grupo de Pesquisa Gramática & Cognição), 2004.

\_\_\_\_\_. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas**, Juiz de Fora, V.6. n.1. p.63 – 74, 2002, - Jan/Jun.

\_\_\_\_\_. **O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso.** Juiz de Fora / Rio de Janeiro: UFJF / UFRJ / UERJ – CNPq (Projeto integrado de pesquisa – Grupo Gramática & Cognição), 1999a.

\_\_\_\_\_. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, V. 1, n. 4, p. 61-79, 1999b Jan/Jul.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística geral.** 23 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SCHER, A. P. Quais são as propriedades lexicais de uma construção com verbo leve? In: MÜLLER, NEGRÃO E FOLTRAN (eds). **Semântica Formal.** Campinas: Contexto, 2003. p.205-220.

\_\_\_\_\_. **As construções com o verbo leve dar e a nominalização em –ada no Português do Brasil.** Tese de doutorado apresentada ao programa do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 2004.

TALMY, L. The relations of Grammar to Cognition. In: B. RUOZKA-OSTIN (ed) **Topics in cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WLODEK, M. O particípio português – formas e usos. 2003  
[www.duo.uio.no/roman/Art/Rf18-03-2/wlodek.pdf](http://www.duo.uio.no/roman/Art/Rf18-03-2/wlodek.pdf)